

MANÉ GARRINCHA & BIRIBA

O GÊNIO DA BOLA E O MASCOTINHO QUE ENCANTAM GERAÇÕES



**Coletânea de crônicas alvinegras escritas
por jornalistas apaixonados**

ORGANIZAÇÃO: João Batista de Abreu e Fábio Lau



Dedicamos esta homenagem a todos os pais, mães, avôs e avós que nos ensinaram a amar a Estrela Solitária que brilha em nossos corações.

Dados Editoriais

MANÉ GARRINCHA & BIRIBA: O Gênio da Bola
e o Mascotinho que Encantam Gerações - *Coletânea
de crônicas alvinegras escritas por jornalistas apaixonados*

Organização: João Batista de Abreu e Fábio Lau

Projeto gráfico e diagramação: Lena Benz | lenabenz-comunica.com

Agradecimentos

Amaury Fernandes; Aroeira; Ique; Luís Pimentel; Raphael
Moura; Sérgio Pugliese; Zé Pereira.

Dedicado aos colegas que seguem torcendo lá no céu,
como *Cristina Chacel, Cláudio Duarte, Marcos Penido
(foto), Paulo Cesar Guimarães, Renato Machado, Rogério
Daflon* e tantos outros que enviam fluidos positivos.



Nosso mascote Biriba pede uma colaboração,
financeira ou em ração, para entidades que cuidam
de animais abandonados no Estado do Rio de Janeiro.
Afinal, ele também foi morador de rua antes de ser
adotado pela turma de General Severiano.

A Estrela Solitaria agradece 



***Clique aqui e confira
pessoas protetoras e
entidades sugeridas***

SUMÁRIO

	Página
APRESENTAÇÃO	
Recordações de um vira-lata da 3ª idade Biriba, por João Batista de Abreu	7
Alfredinho, sobrenome Bip Bip	
Homenagem ao botafoguense e dono do bar Bip-Bip, por João Batista de Abreu	9
Crônica de Paulo Mendes Campos	
Texto extraído do livro "O gol é necessário"	11
O anjo das pernas tortas	
Poema de Vinícius de Moraes	13
Os meninos	
Alexandre Medeiros	14
O maior homem do mundo	
Chico Santos	16
A metamorfose do bem de um torcedor baiano	
Fábio Lau	18
Coração alvinegro também bate na Zona da Mata mineira	
Fernanda Sabino	19
O dia em que a bola parou	
Flávio Tavares	21
Paradigma do drible	
Gabriel Vasconcelos	23
Garrincha em VHS	
Gabriela Garcia	25
O craque de todos os tempos	
Gilberto de Souza	27

Paixão em preto e branco João Batista Abreu	29
Garrincha e o Canal 100 Jorge Melo	30
Em terra de gênio, quem tem pernas tortas é rei Jorge Odilar	32
Meninos, eu vi! José Sérgio Rocha	33
Nem Maradona, nem Pelé, o nome dele é Mané Lea Cristina Gomes	35
A primeira camiseta Luciano Klockner	37
Uma estrela, de pai para filho Luís Carlos Bittencourt	39
Garrincha na minha infância Luís Pimentel	41
Olhos e lembranças do meu pai Marcelo Santos	43
Pau que dá em Francis também bate em Francisco Nelson Vasconcelos	45
Garrincha, alegria de criança Nilo Sérgio Gomes	49
Eu vi Garrincha Octávio Costa	51
Memórias do esquecimento Paulo Cesar Vasconcelos	53

A palavra, o gesto e o grego Roberto Falcão	55
1962: o ano que só terminou em 1973 Roberto Petti	56
A eterna e gloriosa alegria Roberto Sobral Pinto Ribeiro	58
Um gênio que brincava de jogar futebol Romildo Guerrante	60
Garrincha e o fotógrafo Sérgio Moraes	63
A arte do drible Stepan Nercessian	65
Não vi, mas fui escolhido Yuri Bobeck	66
Garrincha versus 'misters' e algoritmos Valquíria Daher Barra	68
Garrincha nas ondas sonoras e no coração Xico Teixeira	70
O Sonho de Carlito Rocha Roberto Sobral Pinto Ribeiro	72
O sertanejo é antes de tudo um forte ... torcedor do Botafogo Homenagem Bar do Zé Pereira, em São Cristóvão, por Fábio Lau	74
Videoteipe do sonho Uma curiosidade musical	76





Recordações de um vira-lata da 3ª idade

Fui convidado pelos amigos do Bar do Zé Pereira para apresentar este livro sobre meu velho amigo Mané. Confesso que no começo pensei em abrir mão do convite. Livro de crônicas de jornalistas? Parece osso duro de roer.

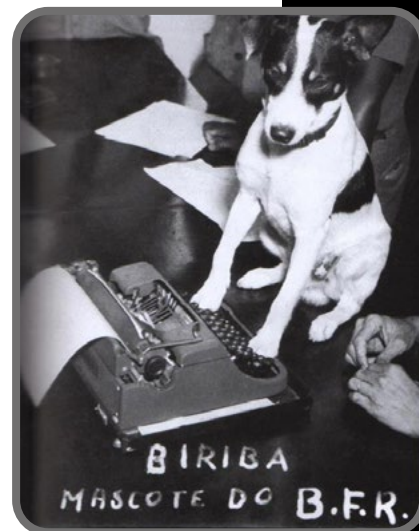
Mas aí consultei meu tutor Carlito Rocha, a enciclopédia Nilton Santos, os amigos Neném Prancha, João Saldanha, Sandro Moreyra. Enfim, resolvi aceitar. Afinal de contas, também faço parte desta história desde que, ainda morador de rua, saltei o muro de General Severiano e fui muito bem acolhido. Cães sabem distinguir quando somos bem cuidados. Às vezes, no meio do jogo, eu invadia o campo quando a gente estava vencendo. Sabe como é: cachorro também sabe fazer catimba. Com o tempo ganhei prestígio porque diziam que eu dava sorte nos jogos do Botafogo. Oh raça supersticiosa.

Falar de Garrincha, convenhamos, é uma refeição suculenta de fazer babar os dentes. Meus coleguinhas de gerações variadas aceitaram o desafio. Mesmo quem nunca o viu jogar sabe que Mané fez história no futebol brasileiro. Dentro e fora de campo.

Como um vira-lata como eu aprendi a escrever? Fácil explicar. Às vezes, depois do treino, eu pulava o muro, atravessava a avenida Venceslau Brás para assistir como penetra a algumas aulas na UFRJ. O vigilante, botafoguense, nunca me barrou.

Às vezes este vira-lata aqui se pega pensando de orelhas em pé. Se tivesse prevalecido o preconceito com gente humilde que nasce com pequenos defeitos físicos e certos adestradores acham que não servem para o esporte, o Brasil não teria conhecido (e reconhecido) um gênio como Garrincha, capaz de escrever poesia com os pés.

Sobre ele dizia Armando Nogueira: ***"Para Garrincha, a superfície de um lenço era um latifúndio".***





Os fãs de Mané ultrapassam fronteiras. Um deles, o jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano descreve uma jogada que envolve uma sucessão de dribles num amistoso contra a Fioretina, em 1958 e o compara a Charles Chaplin; “Depois, com a bola debaixo do braço, voltou lentamente ao campo. Caminhava olhando para o chão. Chaplin em câmera lenta, como que pedindo desculpas por aquele gol, que levantou a a cidade de Florença inteira.”

Sim, queridos alvinegros, como dizia meu amigo Paulo Mendes Campos, “a mágica pode ganhar da logica.” No futebol e na vida.

Aos caros leitores, saudações alvinegras e caninas. Confesso; em matéria de paixão pelo Botafogo, eu não largo o osso jamais.

Biriba, 81 anos





Alfredinho, sobrenome Bip Bip

Luís Pimentel confessa dificuldade para sintetizar a personagem, Fernando Molica o compara a um Buda, ancestral figura religiosa que tem a missão de trazer o bem, Lúcio de Castro recorda Gabriel García Márquez para dizer que ele poderia ter vivido na cidade imaginária de Macondo, do livro “Cem anos de solidão”.

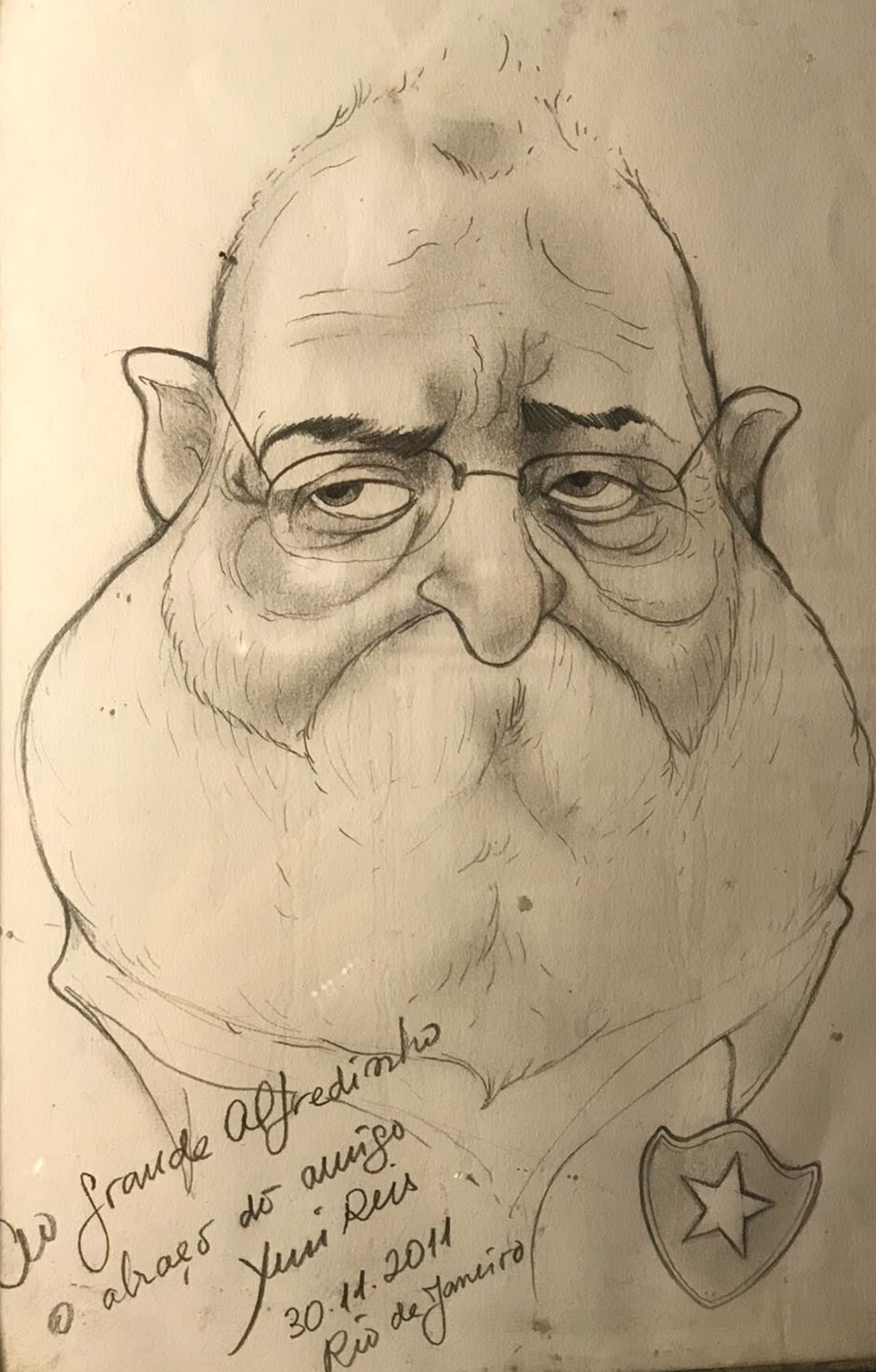
O nome desta personagem é Alfredo Jacinto Melo –, natural do subúrbio carioca de Cosmos –, mais conhecido como Alfredinho, dono do icônico bar Bip Bip, na rua Almirante Gonçalves, em Copacabana, aquele que tinha hora para abrir e nunca para fechar se o papo entre amigos estivesse bom. .

Alfredinho era um botafoguense apaixonado por Garrincha. O bar estampava na parede uma foto do craque que acabou desaparecendo após sua morte, em 2019, durante o Carnaval, como Pixinguinha e Ari Barroso.

O mau humor dele estava entre uma de suas marcas, assim como a má vontade com discursos baseados em frases feitas e no lugar comum. Outrossim (olha aí uma expressão clichê), mostrava solidariedade franciscana com os necessitados e amigos. O velório foi regado a roda de samba e cerveja e o sepultamento lotou o cemitério São João Batista. Adivinha em que bairro fica o cemitério? Só podia ser Botafogo.

Na abertura do livro “Alfredinho, sobrenome Bip Bip – crônicas biográficas sobre um homem, um bar e um afeto que não se encerra”, o colega Luís Pimentel transcreve um poema: Abaixo um trecho:

“ Certos homens são espuma,
Feitos do efeito do nada.
Outros, assim, pedra pura,
Flores que cospem os espinhos
Conheço os que se exibem,
Os que se enroscam, se inibem,
E os que se bastam sozinhos.
Uns homens são tantos nomes,
Outros são só Alfredinho.



Do Grande Alfredinho
abraços do amigo
Yuri Reis
30.11.2011
Rio de Janeiro





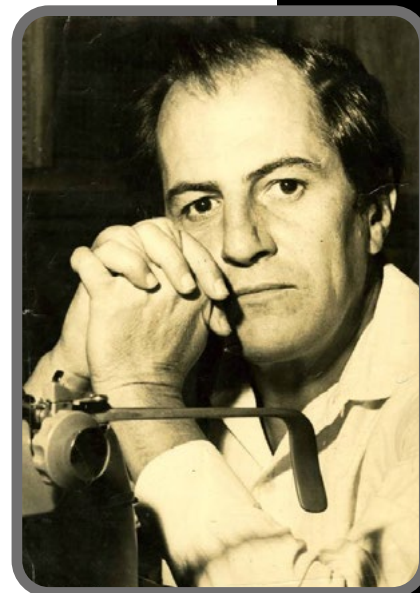
Paulo Mendes Campos,
Jornalista, poeta e escritor

Logo depois da Copa de 1958, pensei em escrever um livro sobre Garrincha. Através de Sandro Moreyra, eu o procurei num treino do Botafogo, e ele concordou com o plano, convidando-me, para início de conversa, para almoçar em sua casa em Pau Grande, daí a dois dias.

Me perguntou se eu gostava de angu à baiana, e não precisei mentir por delicadeza: adoro angu à baiana. Acrescentou com um sorriso contente que ele mesmo se encarregaria de fazer a batida de limão. E arranjaria cervejinha bem gelada. Conforme combinado, passei de manhã no clube depois do individual e Mané veio me pedir desculpas. Não haveria almoço, sua senhora estava doente. Ficava para outro dia.

Sandro começou a rir quando lhe contei a história. Doente coisa nenhuma! Na verdade, quando Garrincha disse em casa que tinha convidado um escritor para comer angu à baiana, sua senhora protestou, ele agira mal, escritor deve comer galinha ao molho pardo. Digo de passagem que o livro não morreu por causa da galinha, mas porque, como todos sabem, Garrincha é o mais perfeito driblador da história do futebol. Eu não tinha saúde para marcá-lo.

Era a própria candura. Todo mundo, em todas as profissões, e fora das profissões, sonha com a candura como um bem supremo. Mas somente Mané Garrincha e uns poucos ungidos nasceram e cresceram com essa pureza, com essa espontaneidade inabalável. Nunca houve homem famoso menos mascarado. Ele era desimportante sem saber que o era. E era também perfeitamente espontâneo — e isso é ainda mais raro de se achar — ao receber alegremente a glória e o carinho do povo.





Cândido mas não ingênuo. Pelo contrário, Mané é, antes de tudo, um astuto. Dentro e fora de campo. A qualidade ardilosa de sua inteligência – tão comum, aliás, em nosso homem do interior – pode ser imediatamente notada em um detalhe: Mané fala errado, à maneira do homem da roça, de propósito, por astúcia, porque se tentasse falar corretamente cometeria erros involuntários.

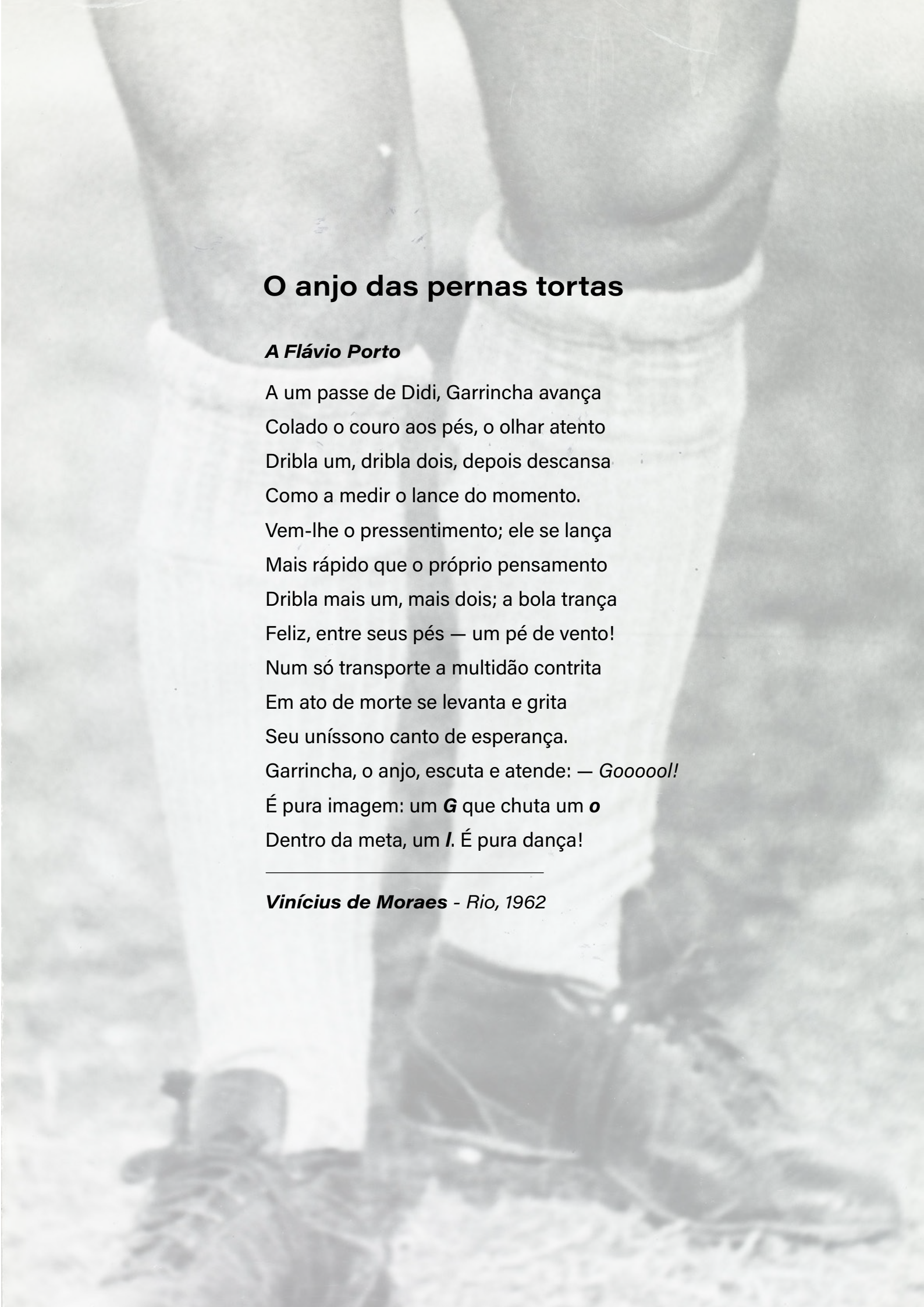
Na fábrica de tecidos em Pau Grande, Garrincha não vivia sonhando com a glória. Sonhava com as horas de folga, quando podia caçar passarinho ou jogar pelada. Era por natureza alegre e brincalhão. (...)

Era centromédio do time local e driblava 90 minutos da partida.

Em 1954, escrevi uma reportagem sobre ele, especialmente para pedir a Zezé Moreira que pelo menos o experimentasse entre os convocados do escrete brasileiro. O técnico não deu bola e o Brasil fez feio na Suíça. Em 1958 vai no selecionado, mas como reserva de Joel, jogador de particular confiança técnica de Feola.

Apesar de ter feito misérias no jogo amistoso contra a Fiorentina, apesar de estar na cara o milagre de seu futebol, Mané ficou na cerca até o momento em que três pessoas mudaram seu destino. Didi, Nilton Santos e Belini conseguiram convencer os dirigentes que o Brasil não venceria a Rússia sem Garrincha. O resto todo mundo sabe.

Extraído do livro de crônicas "O gol é necessário"



O anjo das pernas tortas

A Flávio Porto

A um passe de Didi, Garrincha avança
Colado o couro aos pés, o olhar atento
Dribla um, dribla dois, depois descansa
Como a medir o lance do momento.
Vem-lhe o pressentimento; ele se lança
Mais rápido que o próprio pensamento
Dribla mais um, mais dois; a bola trança
Feliz, entre seus pés — um pé de vento!
Num só transporte a multidão contrita
Em ato de morte se levanta e grita
Seu uníssonos canto de esperança.
Garrincha, o anjo, escuta e atende: — *Gooooool!*
É pura imagem: um **G** que chuta um **o**
Dentro da meta, um **I**. É pura dança!

Vinícius de Moraes - Rio, 1962



Os meninos

Alexandre Medeiros | Jornalista e Escritor

Naquele feriado de 20 de janeiro de 1983, cheguei 10 minutos atrasado ao plantão da Geral do Jornal do Brasil. Já adentrei a redação do sexto andar pedindo desculpas ao Luciano de Moraes, mestre pauteiro. E ele, tranquilo, me fez amargar aqueles 10 minutos de atraso como uma praga de vida inteira:

– Poxa, que pena. Se chegasse um pouco antes pegaria uma pauta que com certeza vai ser o assunto do dia: a morte do Garrincha. Ainda mais você que é Botafogo. Mande a Tereza cobrir. Você vai entrar na cobertura da procissão de São Sebastião.

O ânimo com que fui atrás do cortejo do santo deve ter inspirado gerações de fieis. Triste e cabisbaixo, eu só pensava em meu pai, em como ele ficaria orgulhoso vendo um texto emocionado do filho no jornal sobre a morte do maior ídolo da história do Botafogo. Garrincha foi fundamental para que o velho Edmilson rompesse a tradição familiar vascaína e se tornasse alvinegro, a despeito dos pais e dos irmãos mais velhos. E nos ensinasse o sacerdócio que é torcer pelo Botafogo, a mim e a meus irmãos — mais tarde, ele teria o prazer de ver essa dinastia alvinegra alcançar meus quatro filhos.

Apiedado de mim, São Sebastião deve ter tirado de meu coração ao menos uns 50% da inveja que senti da Tereza Cristina Levy naquele dia. Amiga e colega de faculdade na UFF, formou-se comigo vestida de bailarina. Também deve ter sido o santo que fez Tereza me mostrar o texto que escreveu sobre a morte do Garrincha. Devo ter sido o primeiro a ler. Os 50% de inveja restantes foram embora nas primeiras linhas. Um texto soberbo, que me encheu os olhos d'água. Começava assim:

“Era mais um Manuel da Silva dessas centenas que morrem diariamente no Brasil, incógnitos, sem parentes





e amigos, a julgar pelo registro de internação da Clínica Dr. Eiras, em Botafogo, e pelo esparadrapo simplório — com esse nome — que lhe colaram ao peito. Às nove da manhã, três horas depois de sua morte, não havia quase ninguém na Capela 3 da clínica, onde, sem flores e coberto apenas por um lençol branco, estava Manoel Francisco dos Santos — o Mané Garrincha”

“Não foram os companheiros do futebol nem os dirigentes da CBF ou da LBA — onde ele conseguiu seu último emprego — que movimentaram a partir das 9h30min o pátio da Clínica Dr. Eiras, mas sim as crianças da redondeza. Vestidas com camisetas de vários times cariocas, elas foram prestar a derradeira homenagem ao “maior jogador de todos os tempos”, rezando junto com a Irmã Ana Beatriz pelo descanso justo do ídolo que não chegaram a conhecer direito, a não ser pela lembrança dos pais”.

Dei um abraço na Tereza e lhe disse “ninguém faria melhor”. No fim daquele plantão, fui ver o seu Edmilson, dar-lhe também um abraço. Lembramos juntos do ritual de tocar o busto do Garrincha no alto da rampa do Maracanã antes dos jogos do Botafogo, e depois fazer o sinal da cruz.

Voltei um pouco a ser menino ali naquelas lembranças, como um daqueles que a Tereza descreveu. Eu era um daqueles meninos, que representavam todos os que não viram Garrincha jogar diante dos seus olhos, mas sonhavam com os dribles e os gols dele. São Sebastião deu de novo o ar da graça no meu pensamento: aqueles meninos chegaram em procissão, como se venerassem um santo. Ou um anjo.

De pernas tortas.



O maior homem do mundo

Chico Santos | Jornalista

Dez de junho de 1962, aquela tarde de domingo era quente, embora fosse inverno em Jeremoabo, no sertão da Bahia, onde o sol queima durante o dia em qualquer estação e as noites vão de agradáveis no verão a quase geladas na estação do frio. Lá, nasci e vivi até os 16 anos. Eu completara nove anos duas semanas antes. Jogava futebol todos os dias na praçinha onde morava. Ia a todos os jogos do time da cidade contra visitantes, mas nunca tinha ouvido um jogo de profissionais pelo rádio, a alternativa disponível por lá naquele tempo.

Naquela tarde, estava de visita à casa da minha avó paterna na rua principal da cidade quando uma gritaria do lado de fora fez todo mundo correr para a porta de entrada. Na rua, um bando de bêbados respondia ao mantra do bêbado-mor: "Depois de Deus, quem é o maior homem do mundo?" E a turba: "GARRINCHA!" Eu me meti no meio daquela curriola maluca que parava de casa em casa. Foi assim que fiquei sabendo que o Brasil acabara de derrotar a Inglaterra por 3x1 pelas quartas-de-final da Copa do Mundo e que Garrincha, além de dois dos gols brasileiros, tinha desmoralizado os inventores do futebol, liderados pelo grande Bobby Charlton.

Nunca soube responder desde quando sou botafoguense. Digo sempre que foi no dia em que nasci em uma família vascaína. Mas aquele dia certamente foi decisivo. Eu já sabia que Garrincha jogava no Botafogo. Continuei longe do rádio. Hoje sei, perdendo narrações gloriosas, como a de Waldir Amaral em Botafogo 3x0 Flamengo pela Rádio Globo, na final do Campeonato Carioca daquele mesmo ano, com três gols de Garrincha.

Minha "conversão" ao futebol pelo rádio só aconteceria em 1965, depois que um amigo, santista, na saída da missa dominical, me chamou para ouvir Botafogo x Portuguesa de Desportos pelo Rio-São Paulo. Ganhamos de 2x0 e eu não parei mais. Garrincha já vivia às voltas com o joelho direito estourado pela





sanha dos dirigentes irresponsáveis e quase nunca jogava. Mas no dia 11 de agosto daquele ano, uma quarta-feira, “assisti” em ondas curtas a sua “última façanha” com a Estrela Solitária no peito. Levou ao desespero o grande lateral Oldair em Botafogo 3x0 Vasco pelo turno da 1ª Taça Guanabara. Estava quente, embora fosse inverno, em Jeremoabo. Eu completara nove anos duas semanas antes.



A metamorfose do bem de um torcedor baiano

Fábio Lau | Jornalista e Roteirista

Sou herdeiro natural do Mané, que entrou na minha vida por via paterna. O velho Lau, nascido na Ilhéus da literatura de Jorge Amado alimentado com pirão de peixe e cacau de sobremesa, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 19 anos carregando sonhos e uma só ambição: sobreviver.

E foi num jogo no Maracanã, em 1957, que ele experimentou a primeira alegria em solo carioca. A ponto de entrar no estádio como torcedor do “Bahêa”, e sair alvinegro: 6 a 2 sobre o Fluminense.

Foram cinco gols de Paulo Valentim e um de Garrincha. Cinco assistências do “anjo das pernas tortas” - como o definiria, magistralmente, Ruy Castro. Portanto, o cara que mudaria a história do Botafogo e a vida dos herdeiros de Seu Lau, fez um gol, mas participou ativamente de seis.

O efeito desta partida histórica em tempos remotos é que somos todos alvinegros aqui em casa. Garrincha é saudade e alento, mesmo para os que não o viram jogar.

Na parede, de minha casa neste século XXI, ele orna em dois painéis de Gerchmann.

Cinquenta e quatro anos depois de encerrar a carreira, “ainda balança na rede seu último gol”, como diz aquela música lacrimejante que homenageia o Mané, “Balada Número Sete”, de Moacir Franco.

Garrincha, 93 anos, é a certeza de que a história irá muito além do centenário.

E Biriba, 81 anos, também. Ninguém define melhor um alvinegro como o vira-lata arisco e cheio de personalidade.

Obrigado, Paulo Valentim e Garrincha, por inspirarem a quem hoje me refiro como “velho Lau”. Na época, um menino de 19 anos, que, como bom baiano, sabia reconhecer talentos.



Coração alvinegro também bate na Zona da Mata mineira

Fernanda Sabino | Jornalista

“Era o clássico Botafogo e Flamengo. Eu era um garoto e ainda não torcia pra nenhum time de futebol. Nesse dia, eu pensei: o time que ganhar será o meu escolhido! O Botafogo ganhou de 5 a 2. Os jogadores do Flamengo terminaram sentados em campo, o jogo acabou antes do tempo regulamentar. Ali eu decidi: serei botafoguense para o resto da minha vida”

Não é possível falar sobre minha história como torcedora botafoguense sem mergulhar na origem familiar. O relato acima tem a ver com o dia em que meu avô paterno, Euber Sabino, foi escolhido pelo Botafogo. Sim. A vitória categórica do nosso alvinegro, no que ficou conhecido como “Jogo do Senta” em 1944, confirmava o que cantamos nos estádios em dia de partida: não escolho, fui escolhido! A partir daí, numa cidadezinha na Zona da Mata mineira – Além Paraíba, várias gerações depois do meu avô – filhos, noras, netos, bisnetos, sobrinhos e sobrinhas – passaram a sentir bater no peito o brilho da estrela solitária.

Meu avô viu Garrincha jogar. Meu pai também. E até pra isso o avô foi decisivo. Os jogos eram transmitidos apenas pelo rádio. Televisão era para poucos. Sinal de TV nem havia em Além Paraíba. Euber juntava filhos e amigos no carro e subia um morro aonde o sinal do rádio pegava melhor pra que escutassem a transmissão. Depois, candidatou-se a vereador e foi eleito, num tempo em que a função parlamentar era voluntária e não remunerada. Seu maior feito? Conseguiu a instalação de uma antena de TV na cidade para que pudessem assistir à televisão e, claro, aos jogos do Fogão.

E sobre Biriba?! Em anos e anos foram vários os cachorros da família que assim foram batizados – todos vira-latas, vale destacar!





A paixão do meu avô pelo Botafogo não cabe aqui nessa lauda, mas posso afirmar que ele foi o botafoguense mais autêntico e excêntrico de Minas Gerais. Para se ter uma ideia, a campainha da casa dos meus avós era o hino do Botafogo. A buzina do carro também. Nas missas de domingo, ele colocava intenção de Ação de Graças para o Botafogo – e o padre lia para toda a igreja! Certa vez, ele entrou em uma agência do Banco do Brasil a cavalo trajando uma capa feita pela minha avó com recortes de jornal com notícias do Botafogo. E são só alguns exemplos da manifestação da sua paixão pelo Fogão.

Em 2023 meu avô faleceu. Não viu com a gente o Botafogo ser campeão da Libertadores, nem campeão brasileiro depois de longo jejum. Eu disse “não viu com a gente” porque eu tenho certeza absoluta que, de onde quer que ele esteja, ele não somente viu como gargalhou, celebrou e colaborou com a sua luz para que a nossa estrela brilhasse outra vez.

Viva Garrincha! Viva Biriba! Viva Euber Sabino!



O dia em que a bola parou

Flávio Tavares | Jornalista

Era feriado, dia 20 de janeiro de 1983. A família foi toda enfiada no fusquinha e partiu para o Clube Caça e Pesca, na praia de uma Barra que ainda não abrigava espigões, era acessível à classe média com três filhos de Copacabana e tinha mais areia que concreto.

A pelada no campo do clube comia solta. Nós, crianças ou metidos a adolescentes do alto dos meus 13 anos, brincávamos na piscina com a mãe enquanto os marmanjos jogavam bola lá nos fundos, perdendo a vista da praia, mas suando para derrotar o adversário, num famoso “camisa contra sem camisa”. O campo, de terra batida, fervilhava. fervilhava.

De repente, alguém chega com a notícia de que Garrincha havia morrido. Minha mãe, que nunca teve grandes ligações com futebol, se surpreende e me fala “meu filho, vai lá no campo, chama seu pai e fala que o Garrincha morreu”.

Eu, establanadamente, me deparo com o velho no gol à direita das tribunas - mesma posição visual do último chute dado por Mané no Maracanã, nove anos e meio antes, no “jogo da gratidão”, da qual meu velho até hoje guarda o ingresso, junto com um autógrafo do Mané que ele conseguiu numa passagem da seleção por Teresópolis antes das Granjas Comarys da vida.

Chego lá e digo, de supetão e sem um pingão de sutileza.

— *Pai, pai! o Garrincha morreu!*

O velho encosta na trave, começa a chorar e pede para parar o jogo. Jogo parado, peladeiros reunidos e atônitos: “como assim, o Garrincha morreu?”. Não havia alvinegro, flamenguista, tricolor, vascaíno. Havia um conjunto de amantes do futebol que acabara de perder um de seus mais geniais artistas.





Ali, aquele garoto de 13 anos teve a dimensão real do que representou Mané para nós, avinegros, para o Brasil e o mundo. À noite, num lotado saguão do Maracanã, fomos, a família toda, nos despedir do craque.

No dia seguinte imagens de pessoas nas passarelas da Avenida Brasil davam a dimensão. No dia seguinte, imagens de pessoas nas passarelas da Brasil deram a dimensão da perda. Mané, o eterno, fez a pelada de feriado parar.

Paradigma do drible

Gabriel Vasconcelos | Jornalista

Na vida existe o que é, o que deveria ser e o que gostaríamos que fosse. Em geral sou refratário a quem opera no terceiro grupo. A exceção são as coisas do futebol, em que todo cinismo leva o simpático nome de clubismo. Não o praticar, além de nos colocar despidos na selva, significa renunciar à egóica aventura da identificação com time de futebol. Aprendi na marra, desde cedo.

A família numerosa é a de minha mãe, filha de um alagoano retirante que ajudou a fundar a Torcida Jovem do Flamengo. Eis que esta senhora minha mãe casa-se com um alvinegro de respeito, história de amor da qual sou fruto e, por óbvio, o Botafogo. Houve, no seio familiar, sangrenta disputa por meu coração e mente. A primalhada flamenguista não perdoa. Eu, tampouco. Provocam e lá estou eu, com o pênalti perdido por um certo meia na Copa de 1986 na ponta da língua. É de "Pintinho de Quintino" para baixo. Esse é o clima das festas familiares: porre de clubismo até que um dos lados tenha os miolos devidamente fritados e surte, fazendo da contraparte a vencedora da rinha.

Há pelo menos um antídoto irrefutável ao clubismo no Brasil: Manuel Francisco dos Santos Júnior, o Mané Garrincha. E não sou eu quem insiste. O epíteto já diz: Alegria do Povo, não só do Botafogo. Está patente nos relatos dos antigos. Se viessem somente de meu pai e da nossa gente, levantariam suspeita. Não é o caso. Quem nunca viu um septuagenário de outra camisa se empolgar ao contar que entrava na geral do Maracanã burlando a catraca só para ver o Mané driblar?

Noventa minutos correndo no perímetro do gramado, da linha central ao córner, para assistir ao balé das pernas tortas na exata altura dos olhos. Não vivi isso. Arquibaldo criado exatamente atrás do gol, também não consigo tocar a experiência com os dedos. A imagem se faz encarada de cima, de onde vejo a rapaziada indo e vindo, como revoadas.

O relato de ouro da minha coleção, claro, é o do meu avô rubro-negro. "Quando ele ia jogar, eu me punha





na geral, bem pertinho de onde os jogadores entravam e saiam. E depois ia atrás para vê-lo driblar”, diz o velho antes de uma descrição padrão das fintas de corpo que deixavam os adversários perdidos.

“Eram jogos do Botafogo, em que eu ia para ver o Garrincha jogar. Mas tinha também os jogos contra o Flamengo. Quem marcava ele era o Jadir [zagueiro da Gávea entre 1952 e 1961], mas sem dar pontapé, pois era jogador distinto. Jadir, Dequinha e Jordan, esse era o trio da linha média do Flamengo para segurar o Garrincha”. Por alguns segundos, ele buscou identificar os marcadores de Vasco e Fluminense, igualmente vitimados. Memória colada na retina e, dada as circunstâncias do emissor, soro tirado do veneno da cobra.

Ainda lúcido, aos 95 anos de idade, o velho Agnaldo tratou do assunto comigo para alimentar esta coletânea. Difícil resumir meu interlocutor, mas podemos tomá-lo como bom exemplar do brasileiro médio do século XX: homem pobre, empregado do varejo de eletrodomésticos, pai de quatro filhos. Católico praticante, mas fascinado por espetáculos de massa, do estádio ao carnaval das escolas de samba. Não à toa, a última vez que esteve na presença de Mané foi na Marquês de Sapucaí, antes da construção do sambódromo, quando o craque desfilou pela Mangueira, sob o enredo Coisas Nossas, de 1980.

Mané veio sentado, imóvel e ensimesmado como destaque de carro alegórico. Estava em cima de um púlpito que exibia o escudo do Botafogo, à frente de um simulacro da Jules Rimet de 1962 em isopor dourado. Os relatos se contradizem. Alguns dão conta de um Garrincha alcoolizado e decadente na avenida. Outros garantem que não havia uma gota de álcool sequer no sangue do craque, letárgico em função da medicação para aplacar o vício.

Foi a última vez que o vi. Desfilou em carro aberto da Mangueira, todo de amarelo [camisa da seleção]. Ele, sozinho”. Naquele ano, o experiente Jamelão entoava: ***“E no campinho a gurizada/ Atrás de uma bola a rolar/ Mata no peito, dá lençol, faz embaixada/ Se torce o pé vai a rezadeira curar”***. Metonímia dos versos, paradigma do drible, Mané sucumbiria menos de três anos depois.



Garrincha em VHS

Gabriela Garcia | Jornalista

Não vi Garrincha jogar. Cheguei tarde demais para testemunhar, no estádio, aquele jeito único de jogar futebol, mas, de alguma forma, tive meus encontros com Mané.

Quando eu ia aos jogos do Botafogo no Caio Martins, em Niterói, havia um homem que vendia fitas VHS com as melhores jogadas de Garrincha. Eu comprava algumas, levava para casa e assistia, encantada, àquelas imagens.

Era um futebol que parecia brincadeira. Garrincha driblava como quem inventava o caminho enquanto caminhava. Parava, arrancava, voltava, enganava o marcador. As pernas tortas, que poderiam ter sido vistas como limitação, tornaram-se parte de uma das maiores histórias do futebol. Mané transformou seu jeito de ser em uma forma única de jogar.

Para nós, botafoguenses, Garrincha não é apenas um jogador. É parte da identidade do clube e da memória afetiva de quem ama o Botafogo. É impossível falar da história alvinegra sem lembrar daquele camisa 7. E é impossível assistir àquelas antigas imagens sem imaginar o privilégio de quem pôde vê-lo ao vivo.

Mas a história de Garrincha vai muito além do futebol. Fora dos campos, ele também viveu uma vida intensa, marcada por excessos, contradições, alegrias e dores. E entre as histórias que traçaram sua trajetória está o grande amor por Elza Soares. Amor verdadeiro, mas também conturbado. Garrincha e Elza viveram uma relação de muita paixão, mas também de conflitos e dificuldades. Eles se amaram profundamente e enfrentaram juntos momentos muito duros. Não foi uma história perfeita, mas talvez justamente por isso tenha sido tão humana.

Elza dizia que Garrincha foi o grande amor de sua vida. E ele encontrou nela a mulher que esteve ao seu lado quando a vida começava a desandar. Duas personalidades fortes, duas vidas intensas, dois artistas





de suas próprias maneiras. Um encontro que deixou marcas profundas nos dois.

Quando penso em Garrincha, lembro dos VHS que comprava no Caio Martins. Lembro de chegar em casa e colocar a fita para rodar, tentando conhecer um craque que não tive a sorte de ver jogar. Talvez essa seja a força de um verdadeiro ídolo: atravessar gerações e continuar encantando quem veio depois.

Para mim, botafoguense de coração, Garrincha nunca será apenas uma lembrança do passado. Será sempre o nosso Mané, o anjo das pernas tortas, o jogador que fez o futebol parecer uma brincadeira. Dentro e fora dos campos, viveu, amou e deixou uma história que o tempo não conseguirá apagar.

O craque de todos os tempos

Gilberto de Souza | Jornalista e Editor-Chefe do Jornal Correio do Brasil

Embora seja botafoguense desde tempos imemoriais, confesso que não vi Garrincha jogar quando ainda entortava os zagueiros e marcava os gramados com uma genialidade jamais vista no futebol mundial. Mal me vem à memória aquela homenagem de despedida no Maracanã perto do Natal de 1973, ao lado do Pelé. Mas o ponta-direita que dominava o campo inteiro, na justa medida para driblar até o 'João' mais talentoso naquele templo sagrado, era e ainda é, para mim, o Rei absoluto, o craque de todos os tempos.

Independentemente da camisa que vestisse, seja a do escrete canarinho ou do Olaria, por onde atuou já em fim de carreira, Garrincha foi o expoente de um Brasil que brilhava com o número 7 estampado junto à Estrela Solitária e, igual a ele, se apagava à medida que as trevas da ditadura tomavam de assalto a alegria de um país. Manuel Francisco dos Santos só existiu na democracia. Sem ela, foi-se apagando em cada gole de pinga e, apenas aos 49 anos, ocupou seu lugar no panteão dos heróis alvinegros.

Hoje, faço questão sempre que tenho uma oportunidade - mínima que seja - de passar na TV para o meu neto os melhores momentos de Garrincha em campo, como forma de deixar para o futuro a lição de vida que esse botafoguense nos legou. A essência do saber jogar bola, fazer valer em cada jogada um sentido para a existência do ídolo e sua torcida. Sem bolsas da Louis Vuitton ou diamante nas orelhas, quem entrava em campo era o homem brasileiro, que luta até o fim e não desiste jamais.

Marcado e surrado por adversários a cada partida, como se quisessem matar o talento com a violência, da mesma forma que os milicos baixavam o porrete em quem discordava daquela patifaria que tomou conta do Brasil, Garrincha saía maior da partida do que quando entrava. Embora tentassem até às raías da estupidez parar o anjo das pernas tortas, nunca conseguiam.





Ainda menino, quando eu e meu pai aplaudíamos cada replay nos dribles formidáveis, lembro-me da sensação histórica de ter visto, ainda que apenas na telinha da TV em preto e branco, um dos grandes momentos da história desportiva brasileira.

Para nós, alvinegros, ter tido Garrincha no time é o suficiente para suportar todas as adversidades que nos impõe o destino. Sabemos que não são poucas, mas nunca serão tantas a ponto de ofuscar o nosso time do coração.



Paixão em preto e branco

João Batista de Abreu | Jornalista e Professor da UFF

Meninos e meninas, eu vi.

Vi Garrincha jogar em General Severiano, graças a meu pai, o cirurgião dentista, mineiro de Ubá, de quem herdei o nome e a paixão pelo time alvinegro. Até o início dos anos 1960 o Botafogo era o time de maior torcida na Zona da Mata de Minas Gerais.

Uma paixão em preto e branco, como era na época a televisão. Tinha uns sete anos e aquela figura emblemática do outro lado do alambrado fazia-me sentir orgulho de estar ali tão perto do ídolo. Quando a bola estava com o adversário, Garrincha se postava na ponta direita, junto a linha que divide o gramado. No futebol de antigamente, pontas não marcavam.

Retomada a bola, começava o balé de dribles desconcertantes. Aquela ginga que parecia humilhar os marcadores era dele e de mais ninguém. A gente na arquibancada ria como se estivesse em um circo a céu aberto vendo o malabarista de pernas tortas. O talento de Mané dispensava a lona.

As imagens do então cinegrafista Luiz Carlos Barreto para o documentário "Garrincha, alegria do povo", do cineasta mineiro e alvinegro Joaquim Pedro de Andrade, eternizaram seus dribles.

Pobre de quem não o viu jogar. Mais pobre ainda quem não acredita nos relatos dos mais velhos e o exclui da lista dos grandes craques por ignorância ou má fé. A história do futebol não os perdoará.

Em dezembro de 1973, na despedida de Garrincha, levei meu pai pela última vez ao Maracanã. Tempo de despedida de uma paixão que não sai da memória. O drible debaixo das pernas de Brunel, do Fluminense, foi um reconhecimento do lateral uruguaio do Fluminense de aquele senhor ali à sua frente não merecia uma ação violenta. Os deuses do futebol transcendem a isso.

Garrincha é eterno para todos os brasileiros de todas as idades. Até mesmo para quem ainda vai nascer.



Garrincha e o Canal 100

Jorge Melo | Jornalista e historiador

Nunca vi Garrincha jogar ao vivo num estádio. Mas isso não tem nenhuma importância. Minha admiração, talvez idolatria, nunca foi abalada por esse detalhe menor. E por quê? Porque construí o meu próprio Garrincha por intermédio das imagens em movimento. E, principalmente, pelas imagens dos cinesjornais do Canal 100, muitas vezes mais importantes do que o próprio filme.

O inesquecível campeonato de 1962, com três a zero na final contra o Flamengo é uma das lembranças mais fortes e definitivas da minha relação com o futebol. Gérson, que honraria a camisa do Botafogo, lembro bem, estava do outro lado. Garrincha não fez gol, mas arrasou com a defesa flamenguista. E as imagens do Canal 100 – criado por Carlos Niemeyer em 1957 – exibiam a diferença entre ele e os zagueiros adversários, chamados melancolicamente de “joões”.

Morando na Baixada Fluminense, frequentava pouco o Maracanã. Meu pai passava a maior parte do tempo singrando os oceanos. Não era um boleiro, nem mesmo tinha um time de coração. E quando estava em casa queria curtir um merecido descanso. Eu ouvia pelo rádio os jogos do Botafogo, na narração fantasiada e barroca de Waldir Amaral, da Rádio Globo, “o relógio marca”. E esperava, ansioso, para conferir os detalhes dos lances no cinema. Na tela os dribles do Mané eram bonitos, dramáticos, dizia, ao som da música **“Na cadência do samba”, de Waldir Calmon, trilha sonora do cinejornal**. Que é bonito lembrar disso.

O principal roteirista do Canal 100 era um cronista e poeta mineiro que fez história da literatura brasileira. Nada mais, nada menos que Paulo Mendes Campos, autor da célebre frase *“Tem coisas que só acontecem ao Botafogo”*.

Para o cronista Néelson Rodrigues, os dribles de Mané eram desconcertantes, inacreditáveis, mágicos e, muitas vezes, milagrosos. E ficavam ainda mais belos na câmera lenta, embalados pela famosa trilha





sonora ("Que bonito é") e a narração de um dos melhores locutores da época, Cid Moreira, muito antes de se tornar celebridade na bancada do Jornal Nacional, da Rede Globo. Os cinegrafistas do Canal 100 eram verdadeiros artistas, e transformavam qualquer jogo em clássico. E qualquer perna de pau ganhava dimensão, excelência. Mas Garrincha brilhava como ninguém nas imagens; era o mais plástico, artístico, desconcertante.

Vi e revi as imagens as jogadas geniais de Garrinha nas Copas de 1958 e 1962. Mas nada me emociona mais do que o anjo das pernas tortas entortando os adversários com a camisa de time mais bonita do mundo, a tal que tem uma estrela solitária no peito.



Em terra de gênio, quem tem pernas tortas é rei

Jorge Odilar | Técnico de Fotografia

Um dia cheguei em casa e encontrei meu pai chorando muito. Perguntei se : tinha acontecido alguma coisa. Ele me respondeu: ***"O Garrincha morreu, meu filho"***.

O choro paterno compulsivo fez-me imaginar que o coroa amava mais o Garrincha do que a minha mãe. Brincadeiras à parte, hoje entendo a razão de tantas lágrimas derramadas.

Toda vez que ouço falar no gênio das pernas tortas, lembro de meu pai, Jorge Barreto, marceneiro de profissão . Não tenho como conter as lágrimas. Uso a camisa em homenagem aos dois craques. Dizem que meu pai jogava muita bola. Por várias vezes subiu o morro do Urubu, em Pilares, carregando troféus e medalhas. O time de pelada se chamava "Os intocáveis", referência à série policial de TV dos anos 1960. Lateral-esquerdo promissor, precisou abandonar o sonho de virar jogador profissional porque se tornou pai aos 17 anos de idade.

Em 1987, comecei a trabalhar como mensageiro na redação do Jornal do Brasil. Mais tarde fui promovido a auxiliar de fotografia e, em seguida, técnico de laboratório na editoria comandada por Alberto Ferreira. Foram 24 anos de JB. Gostava de conversar com João Saldanha no Esporte. Depois que ele ficou sabendo que eu era botafoguense, sempre que podia arrumava um tempo para contar histórias de Garrincha.

A melhor foi sobre o conselho que o técnico da Seleção Brasileira de 1958, Vicente Feola, deu ao Mané em um treino. Feola chamou o ponta num canto do gramado, colocou uma cadeira entre o bico da grande área e a linha de fundo e lhe deu a seguinte orientação. "Quando você passar da cadeira, pare de driblar e cruze pra área". No treino seguinte Garrincha driblou os marcadores, driblou a cadeira e só depois fez o cruzamento.





Meninos, eu vi!

José Sérgio Rocha | Jornalista

Conheci o Mesquita no Jornal do Brasil. Foi testemunha da chegada de Garrincha ao Botafogo, no início dos anos 1950. Sabia todas as histórias do Mané, as mesmas que a gente conhece. A melhor de todas não ouvi de ninguém. Vi, pessoalmente, quando comia pastel num dos camelôs que batiam ponto junto ao estacionamento no JB, na Avenida Brasil 500. Lá estávamos eu, Mesquita e o grande compositor portelense Monarco, que lavava os carros no estacionamento apelidado ironicamente pelos jornalistas de “Globo no Ar”, por causa das luminárias em forma de bolas.



- O que todos vimos? A chegada do Mané, apavorado

- O que houve, Garrincha? – perguntou Mesquita.

Como dizia Jota Efegê: meninos, eu vi! Aliás, vimos! Eu, o Mesquita e o Monarco. Mané materializou-se de repente, do nada, saindo como se estivesse driblando um redemoinho ou coisa parecida.

– Oi pessoal! Onde é que eu tô? Eu tava batendo bola lá em Pau Grande com o time da fábrica ... – contou o ponta esbaforido. – Que é que é isso?

Depois de um trago, ele contou que viveu uma vida inteira talvez em 15 minutos. Falou do jogo no campinho à beira da Serra dos Órgãos, do trabalho a partir dos 15 anos na fábrica da América Fabril em Pau Grande, do passarinho que deixou na gaiola atrás do gol (“saí driblando tudo, menos a gaiola da cambaxirra”), do jogo contra o Fluminense no Campeonato Carioca de 1957, quando deu uma entortada nos zagueiros tricolores Pinheiro e Clóvis. Falou ainda das Copa de 58 (Suécia) e 62 (Chile) que o consagrou mais do que tudo. Também revelou detalhes do romance com seu amor, a Elza...

– E agora estou aqui, depois de ter vivido tantos anos! O que é que está acontecendo?



O que aconteceu? Outro redemoinho levou todos a um terreiro de macumba enorme, onde Mesquita, Monarco e eu tocávamos atabaques, enquanto Garrincha fazia o diabo com a bola, driblando, um a um, todos os joões que jamais enfrentou, de A a Z. Ou de Alfredo Di Stéfano e Zinedine Zidane.

No final, estávamos num teatro com a vedete Angelita Martinez cantando uma música de carnaval de 1959:

"Mané ... Mané / Até hoje o meu peito se expande /

Mané que brilhou lá na Suécia / Mané que nasceu em Pau Grande ..."

P.S. Ainda bem que a Elza Soares não estava no elenco do show...



Nem Maradona, nem Pelé, o nome dele é Mané

Lea Cristina Gomes | Jornalista

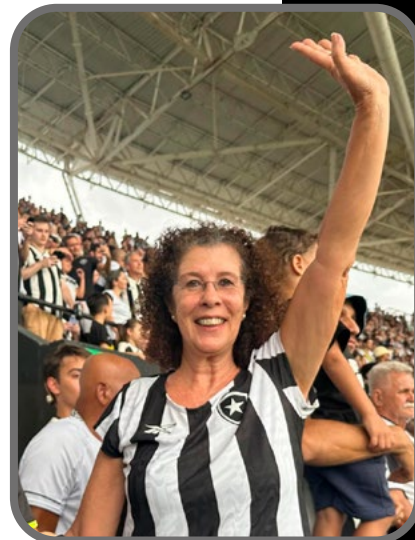
Subo numa sepultura pra ver melhor o que está acontecendo ao redor. O calor é infernal. Surge gente de todos os cantos do cemitério. O desequilíbrio é iminente. A multidão se comprime e tenta aproximar-se do caixão. A dor é coletiva.

Nesse cenário o corpo de Garrincha foi enterrado - com a bandeira do Botafogo, é claro - em 21 de janeiro de 1983, na Vila Inhomirim, bairro do município fluminense de Magé. Não sem antes um policial pegar uma pá para alargar a cova 4.581 do modesto cemitério, onde o luxuoso caixão não cabia.

Não cheguei a ver Garrincha jogando. E tinha 10 anos, quando, pela primeira vez, vi sua imagem na TV: lá vinha ele pela pista do aeroporto, cabisbaixo, na volta ao Brasil, depois da derrota no Mundial de 1966. Agora, em 1983, tinha recebido, do jornal Última Hora, a missão de cobrir seu sepultamento. Estava preparada e emocionada: aprendera desde cedo a admirar o maior ídolo do Botafogo.

Do Maracanã a Pau Grande, bairro de Magé onde Mané nasceu, foram duas horas e 60 quilômetros de cortejo, em que, nem por um instante, o povo o deixou sozinho. Ruas e janelas cheias de gente, passarelas e acostamentos de estradas lotados. Pessoas gritando e acenando davam o tom da despedida daquele jogador de pernas tortas e homem de olhar ingênuo.

Em Pau Grande não havia cemitério, mas Mané foi levado até lá para ser velado na Igreja de Santana. Haveria missa de corpo presente e o caixão seria aberto no altar. Deu tudo errado. As pessoas se empurravam, espremiam umas às outras. Queriam ver seu rosto. A solução foi fechar a urna. Tampouco houve condições de realizar a missa.





Daí levaram Mané para o cemitério do distrito vizinho, a cinco minutos dali, onde - como se lê na abertura desse texto - a histeria chegou a seu auge. Quase uma hora depois, estava tudo acabado.

O brasileiro adora um debate sobre quem foi o maior jogador de futebol de todos os tempos. Se Pelé ou Maradona - recentemente até passaram a incluir Messi na lista. Parece que não viram, nem em VT, aquele homem transformando, em joões, todos os seus marcadores.

Nem Maradona, nem Pelé, gente: o nome do maior deles é Mané.

A primeira camiseta

Luciano Klockner | Jornalista, Professor universitário e Escritor

Numa época em que os **tapes** dos jogos de futebol disputados no centro do país demoravam mais de uma semana para chegar ao Rio Grande do Sul, um dos ídolos mais venerados pelos gaúchos não era só Pelé, como se poderia imaginar. Nos anos 1950 e 1960, quem reinava na imaginação de muitos guris era Garrincha.

Foram muitos jogos pelo Botafogo aqui no estado: sete contra o Grêmio e seis contra o Internacional. Mas, para a gurizada, Garrincha não estava apenas nos estádios. Ele também aparecia, em escala reduzida, nos incontáveis times de futebol de botão espalhados por todas as querências gaúchas.

Nos times da várzea porto-alegrense, a camisa 7 era a mais disputada. Vestir aquele número significava, na mente infantil, receber automaticamente as bênçãos do Anjo das Pernas Tortas. Bastava colocar a camiseta e já nos sentíamos autorizados a tentar os dribles desconcertantes, correr pela ponta direita e, quem sabe, reproduzir alguma coisa daquele futebol mágico.

O problema era que as nossas pernas continuavam bem retas.

A primeira camiseta de futebol que vesti foi a do Botafogo, o time do bairro Santo Antônio, ali na rua Martim Afonso, na zona leste de Porto Alegre. Eu corria bem e não tive dificuldade para me adaptar ao lado direito do campo. Na base do Grêmio, meu time do coração, fui pouco a pouco recuando no campo. Primeiro lateral, depois zagueiro. A ponta direita ficou para os mais habilidosos e, convenhamos, para quem tivesse alguma possibilidade de fazer com a bola aquilo que Garrincha fazia com uma facilidade quase ofensiva aos demais mortais.

Mesmo assim, nunca deixei de olhar para aquele corredor direito do campo e ver ali a figura do Mané





avanzando, parando, driblando, arrancando novamente e deixando o marcador tonto a procurar o balão de couro.

Garrincha esteve muitas vezes no Rio Grande do Sul. Treinou no antigo Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, e chegou a ser sondado para jogar na dupla Gre-Nal. No final dos 1960, ainda participou de partidas amistosas com as camisas do Rio-Grande, da cidade de Rio Grande; do 14 de Julho, de Passo Fundo; e do Novo Hamburgo, da cidade do mesmo nome.

Era outro futebol. Outro tempo. A televisão ainda não havia transformado jogadores em celebridades instantâneas, os vídeos não estavam no celular e os *tapes* chegavam quando dava. Para saber como Garrincha tinha jogado, muitas vezes era preciso esperar dias para confirmar o que o rádio havia transmitido.

E, por isso, a primeira camiseta de futebol foi tão importante.

Ela não era apenas um tecido qualquer costurado. Representava uma fantasia, uma identidade, uma promessa. Vestíamos a camisa 7 e, por alguns minutos, acreditávamos sinceramente que Garrincha havia nos emprestado um pouco do talento dele. E, com àquela idade de guris, voávamos nos sonhos e aprendíamos com Garrincha a driblar o mundo!

Uma estrela, de pai para filho

Luís Carlos Bittencourt | Jornalista e Professor da UFRJ

Sou da época, como a maioria de nós, que além do sobrenome a gente herdava também o time de futebol. Meu pai era botafoguense doente. Aliás, quem não era no final dos anos 50, 60 e 70 do século passado? Menino do interior do estado do Rio, morava em Três Rios. Dois times rivais projetavam para fora do campo as disputas entre eles. Um deles era o América Futebol Clube. O outro, Entrerriense Futebol Clube. E como era a camisa do Entrerriense? Igual à do Botafogo!

Os estádios ficavam no centro da cidade, bem perto um do outro. Que o Entrerriense não saiba o que vou revelar. Adolescente, costumava jogar bola no campo do América antes de o sol nascer e antes de ir para a escola. E foi no campo do América que eu e meu irmão – eu com seis e ele com cinco anos de idade – demos o pontapé inicial num dos clássicos da cidade.

Fomos levados pelo nosso pai até o campo de chuteira e vestidos com a camisa do Botafogo. Mesmo assim, sozinho no meio do campo, cercado pelos atacantes, errei o chute de tão nervoso que estava!

Foi pensando nessa estreia mal sucedida na infância que fui ver, já na adolescência, o Glorioso jogar na minha cidade, desta vez no Estádio Odair Gama, do Entrerriense. Dia da independência, tarde de 7 de setembro de 1965. Era um amistoso contra o Entrerriense Futebol Clube, o alvinegro com o time completo. No entanto, eu só tinha olhos para o camisa 7.

Estava na arquibancada, não tão longe do campo, maravilhado com aquele esquisitão de pernas tortas que fazia a felicidade de meu pai aos domingos nos anos 1950. Ele ligava a televisão, uma das poucas em Três Rios na época, e abria a janela da sala de visita para quem quisesse acompanhar da calçada o jogo do Botafogo.





Anos depois eu estava ali, diante daquele time e daquele ponta-direita que muitas vezes vi jogar pela tevê acompanhado do meu pai. Tempos depois sentia a sensação da presença dele a cada corrida, a cada jogada. No amistoso Mané Garrincha deu o tradicional show de bola, mas os gols foram de Jairzinho, Gérson, Sucupira e Bianchini. Placar final: Botafogo 8 x 1 Entrerriense.

Como falei de herança, a camisa que estou vestindo é de meu filho Pedro, também botafoguense! De avô para pai, de pai para filho.



Garrincha na minha infância

Luís Pimentel | Jornalista e Escritor

Eu era menino e vendia laranja na porta do Estádio Municipal Joia da Princesa, em Feira de Santana, quando vi Deus bem de pertinho. Em um domingo, o Clube de Regatas Flamengo chegou por lá, em meio a uma excursão que fazia pelo Nordeste, exibindo, além da mística do manto sagrado, um mito do futebol brasileiro: Mané Garrincha encerrava a carreira em melancólicos jogos de exibição.

Ao vê-lo descer do ônibus na porta do estádio, abandonei o cesto de laranjas e me pendurei na mão do anjo das pernas tortas, que caminhou devagarzinho ao meu lado até o portão de entrada dos atletas. Despediu-se de mim e de outros meninos que o cercavam com um sorriso que jamais esqueci. Tive ali meus cinco ou seis minutos de glória.

Chamava-se Manuel Francisco dos Santos, nascido em Magé, no distrito de Pau Grande, estado do Rio de Janeiro, no dia 28 de outubro de 1933. Ganhou o apelido ainda bem pequeno, da irmã mais nova, porque era miudinho e arisco como o pássaro garrincha. Sabe-se também que, quando menino, adorava caçar passarinho. Não escapavam os coleiros, nem as rolinhas, sabiás, cardeais, canários, bem-te-vis, zabelês, juritis e, por que não?, garrinchas. Dizem que mais tarde veio a justificar o apelido dentro de campo, pela maneira engraçada com que passava “voando” pelos marcadores, que por mais que o caçassem jamais conseguiam colocá-lo na gaiola.

Começou a correr atrás de bola ainda menino, beijando os 14 anos, no Esporte Clube Pau Grande – pertencente ao dono da fábrica de tecidos onde tentava aprender a ser tecelão. Não conseguiu, ainda bem. E atrás da bola, com suas pernas tortas, tronchas e arqueadas, uma para dentro e outra para fora, correu por muitos anos.





Atrás da bola e às vezes na frente, diante de zagueiros – e às vezes atrás – de todos os tamanhos e todas as nacionalidades, passou boa parte de sua vida. Jogou três copas do mundo, ganhando duas. Conquistou inúmeros títulos estaduais com a camisa alvinegra do Botafogo, vestiu a camisa rubro-negra do Flamengo no final da carreira, em jogos de exibição, e se perdeu no campo da vida quando a bola deixou de correr à sua frente.

Carregou até o fim dos dias a fama de reprodutor indomável. E teve 13 filhos, com três mulheres diferentes (uma delas, a famosa cantora Elza Soares) Triste, solitário, infeliz e quase sempre embriagado, viveu seus últimos anos entre consultórios médicos, clínicas de desintoxicação e até hospitais psiquiátricos. O fígado e o coração resistiram até o dia 20 de janeiro de 1983. Tinha 49 anos de idade.

Extraído do livro "O carioca de Feira de Santana",
Editora Mondrongo, 2024



Olhos e lembranças do meu pai

Marcelo Santos | Sonoplasta e Operador de áudio na UFF

Eu não vi Garrincha jogar. Foi bicampeão mundial vestindo a camisa da Seleção Brasileira nas Copas de 58 e 62. Nasci em 1963. Seu último jogo oficial foi pelo Olaria, contra o Botafogo, aconteceu em 1972.

Só fui realmente interessar-me por futebol aos sete anos de idade. Até aí, acho que “torcia” pelo Fluminense, clube de que meu pai, Eduir, ouvia os jogos no rádio. Meu interesse maior aconteceu, pelo que me lembro, na Copa de 70, a primeira Copa do mundo ao vivo na TV. Naquele ano nos mudamos de Tribobó, em São Gonçalo, para o bairro do Fonseca, em Niterói.

Garrincha só se tornou uma realidade para mim pela lembrança paterna. Meu pai me contava sobre os jogos e falava muito sobre o “Anjo das Pernas Tortas”. Disse que Pelé era realmente um bom jogador, porém sua fama o fez crescer mais pelo que os radialistas diziam na época.

Nas palavras de meu pai, Gerson e Garrincha eram melhores que Pelé, só não tinham tanta fama. Mmais tarde, acho que encontrei nas leituras por que Seu Eduir gostava tanto do Garrincha e talvez até se ressentisse de não ver o craque vestir a camisa do Fluminense. Contam que, antes do Botafogo, Garrincha tentou fazer um teste no tricolor das Laranjeiras. O teste atrasou e Garrincha, com medo de perder o último trem para Pau Grande, sua terra natal, abandonou tudo sem nem ter entrado em campo.

Meu pai se dizia impressionado em como Garrincha conseguia enganar os marcadores fingindo esquecer a bola, correndo na vertical e puxando a marcação. Aí ele voltava, pegava a bola e passava livre em direção à linha de fundo para cruzar, ou em direção à meta para marcar mais um gol. Papai me contou





também que, na final do Carioca de 1957, Garrincha com seus dribles surpresas levou o Botafogo a uma goleada histórica contra o time de coração dele. Essa história foi marcante para ele, tanto que me contava repetidamente.

Uma vez, desejando comprovar o que falava, ele me mostrou uma entrevista em que Telê Santana, que jogava como meia do Fluminense na época, admitiu que nesse jogo teria conversado com jogadores do Botafogo durante a partida pedindo que "Mané parasse de humilhar o Altair, o seu marcador. Garrincha teria atendido ao pedido.

Altair, depois em outra entrevista, também falou da sua admiração por Garrincha. Eram amigos, apesar dos dribles desconcertantes que tomava. Garrincha se referia a todo marcador como "João", como se todos fossem iguais. Diante da sua divertida genialidade, eram "Joãos Ninguém". Mas sobre Altair, o jogador que imortalizou a camisa 7 do Botafogo disse que o respeitava, por ser o único que o marcava na bola, sem violência.

São histórias que ainda guardo na lembrança. Elas me fazem recordar meu pai e Garrincha, que na minha lembrança apareceriam novamente nos campeonatos de botão que a molecada da rua fazia. Foi quando deixei de ser Fluminense, sem mágoa do meu pai, para torcer pelo Botafogo.

Como gosto muito de rádio desde os 12 anos, se ainda tiver um tempinho eu falaria de outra história que li e que mostra como Garrincha se mostrava simples e ingênuo. Na Copa de 58, o craque comprou um rádio "moderno" na Suécia. Contam que Mário Américo, massagista da Seleção Brasileira, aplicou um trote no Mané. Ligou o rádio no vestiário, aumentou o som e falou: *"Olha Garrincha. Esse rádio só fala sueco. Não vai funcionar no Brasil."* Garrincha repassou o aparelho para o massagista por um valor muito menor do que tinha comprado. Garrincha permaneceu em minha lembrança, pela memória que tenho de meu pai.

Pau que dá em Francis também bate em Francisco

Nelson Vasconcelos | Jornalista

São muitos problemas, só coisa pesada, talvez praga você sabe de quem, e nem posso falar disso porque a Justiça está de olho em tudo que falo, sussurro ou escrevo, mas mesmo assim são muitos, muitos problemas. Como também sei que não faz bem para o espírito a gente dar muita importância a esses contratempos, então não vou entrar em detalhes.

Digo apenas que, para não explodir ou perder a cabeça, toda madrugada de terça-feira, ainda que chovendo canivete, estou formoso, de chuteira amarrada e meião esticado nas canelas, pronto para a pelada na quadra 2. Fico ali na zaga, quicando sempre pela esquerda, porque sou desses: meu lado destro é tortinho, quase um desvalido, mas na canhota ninguém me pega. Sem falar na patada famosa, que já me deu muita alegria.

Então tá. Hoje é o Francis que vou marcar, mas tenho que ficar de olho no Francisco também, que joga mais como centroavante e é tihoso. Não gosto deles, aviso logo aqui pro meu goleiro. Reforço que não gosto, e o Ricardo fala pra eu pegar leve. Eles são músicos, vivem da noite como a gente, não podem ficar sem trabalhar, não tá fácil pra ninguém, aquelas coisas que a gente diz da boca pra fora porque na hora de bater, quando a chapa esquenta, a gente bate mesmo.

Rola a bola. Não dá cinco minutos e Francisco, que não sei o que estava fazendo lá no meio de campo, lança o Francis aqui na minha frente. Um belo cruzamento, é verdade. Vou pra cima na elegância, dou uma quebrada à toa no corpo, ele se desconcentra, roubo a bola e viro lá pra direita. Vida que segue. Mas ele fica rindo da minha cara. Não tem por quê. Não gosto dessas coisas. Ainda mais quando penso





também que é muito ridículo um time que tem uma dupla chamada Francis e Francisco.

Jogo que segue. Fiquei de olho, mas nada de a bola chegar pra minha zona. Tô manjando a jogada, a correria beirando o desespero, trombadas aqui e ali. Pelada ruim pra cacete e nada de chover na minha zona. Me faz lembrar da Nilda, Nildinha, cujo nome era Francenilda, ora ora, taí minha implicância com a dupla adversária, mas não vou falar dela porque a Justiça, você sabe... Morreu o assunto.

Chato desse tipo de jogo lesado é que me faz pensar na vida. Os relembramentos vão-se metendo cabeça adentro, ocupando minha atenção, e aí já não sei o que é passado nem presente. Isso geralmente não me faz muito bem porque também começo a repetir histórias, misturo tudo no liquidificador da cabeça. Me ligo, fico ali de olho na bola, de olho no Francis. Não gosto dele. É músico. Uma vez compôs uma canção que falava só de coisas impossíveis. Só desgraça, bobagem, inutilidades. Era tipo ***"e se o oceano incendiar/ e se cair neve no sertão"***. Olha que baboseira. Não lembro o nome da música.

O que me deixa danado é que eu, que ralo muito, muito, a vida inteira ralei como corno sem mãe nem vó, já carreguei toneladas de bandejas para pessoas desocupadas e sem dignidade. Virei noites levando gente assim pra casa, e não ganhei nem um tasco do que esse Francis ganhou com essa coisa. "E se o urubu cocorocar", diz a canção. É muita insensatez. "E se à meia-noite o sol raiar?" A melodia é até bonitinha. Sem letra é um sambinha bem redondinho, daqueles que eu batucava na caixinha de fósforo, antes de usar isqueiro.

É muito ruim batucar no isqueiro, pensava eu no momento justo em que o Francis recebeu a bola redondinha ali a uns 15 metros de mim. Vou pra cima. Não gosto dele. Ele é muito branquinho. Vou pra cima. Vem correndo com vontade, todo rosinha de tanto esforço. Mas parece disposto. É comigo mesmo. Travo a bola quase na maldade. Quase. Mas ele



sai rolando pela grama, que nem é grama. É grama preta, não sei onde inventaram essa porqueira. Pediu falta, ninguém ouviu, levantou-se, foi lá pro canto dele. Já não estava exatamente sorrindo, mas a carinha dele continuava me irritando.

Lembrei o nome da música: “*E se...*”, gravada em 1980. Faz tempo pacas, mas não esqueço dela. Lembrei também da Nildinha. Quando queria me irritar, dizia pra eu parar de cocorocar. Mandava eu voltar pro meu sertão antes de nevar por lá. Quando queria, era uma delícia de pessoa. Por isso casei com ela, mas sabia irritar quando queria. Só que agora não posso mais falar dela, não só por causa da Justiça, mas porque agora o jogo virou. É Francis trocando bola com Francisco, e Francis correndo por aqui, trocando passe com Francisco mais ali na frente, a minha zaga foi catar coquinho no mato, e os dois tocando o zaralho no meu campo e já não sei mais o que está acontecendo. Fiquei zozzo como um urubu embriagado.

Quando vejo o Francis com a bola de novo, não penso duas vezes. Na verdade não penso nem uma única vez porque me vem à cabeça o trecho mais idiota daquela canção idiotíssima, “E se o Botafogo for campeão”, diz o sambinha tão cheio de impossibilidades, e nisso eu lembro da Nildinha me zoando por causa do Botafogo. Nessa chego perto do Francis, que àquela altura já nem estava mais com a bola, mas isso não faz a mínima diferença porque sento-lhe a sola da chuteira no joelho direito. Ele sai rolando rolando se lambuzando de grama preta e fazendo beicinho querendo chorar, e eu parto pra cima pensando não exatamente nele, mas na Nildinha. Quando vejo a carinha dele deveras arranhada, os olhinhos revirados, as travas da chuteira marcadas na coxa branquela e careca daquele menestrel de quinta maior, quando vejo que peguei pesado quase me arrependo, mas não fica bem me arrepender naquela hora, até porque o juiz apita fim do primeiro tempo e já tem gente me segurando com força. Tudo o que consigo dizer pra ele é “Vai, abes-



talhado, fala agora do Botafogo, fala, fala pra tu ver a merda que vai dar pro teu lado!”

Nisso aparece o goleiro Ricardo me puxando pra fora do rolo, me batendo a real, “Porra, caraio, tu pegou pesado”. Quase na boca do vestiário eu falo sobre a música e a graçola com o Botafogo, aquele insulto atravessado na minha garganta há tantas décadas, e aí o Ricardo até concorda que merecia uma retaliação mesmo. Afinal, não se mexe com time em que Garrincha ainda hoje é rei. Mas Ricardo diz também que o problema é que quem fez a letra do sambinha não foi o Francis, foi o Francisco.

É um baque. Na medida do possível, não gosto de injustiças. Aí eu olho o Francisco lá longe, ainda arrastando o Francis campo afora. Dou um pique, chego perto, peço desculpas pro Francis e olho bem no fundo dos olhos clarinhos do Francisco. Sou bem sincero com ele: “No segundo tempo tu me paga, seu corno”.

Biriba não perdoa.

(Para Francis Hime, Francisco Buarque de Hollanda e, sobretudo, Garrincha).



Garrincha, alegria de criança

Nilo Sérgio Gomes | Jornalista e Professor da UFRJ

Influenciado por meu pai e minha mãe, ambos botafoguenses, desde menino aprendi a torcer pelo alvinegro carioca. Na pré-adolescência, passei a frequentar General Severiano, onde o time do Botafogo treinava e jogava, nos tempos em que o Campeonato Carioca era visto em boa parte do 'mundo futebolístico' como o mais importante do país. E arrastava multidões ao "maior estádio do mundo", como anunciava um dos pioneiros da locução esportiva, Waldir Amaral.

Gostava muito de assistir aos treinos, ver os jogadores e 'sarandear' pela sede do clube, apreciando tudo e a todos. E numa situação dessa, estava no clube, pois haveria um treino, vendo a entrada dos jogadores em campo, ainda com grama natural, quando alguns deles passaram bem próximo de onde eu estava, entre eles o Mané Garrincha. Isso era por volta dos anos de 1963 e 1964 e eu tinha entre 13 e 14 anos de idade.

Com a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1962 e, antes, com o centroavante botafoguense Quarentinha sendo o artilheiro do carioca de 1958, o clube despontava no mundo futebolístico. ao conquistar os campeonatos 1957, 1961 e 1962, Novo bicampeonato viria em 1967 e 1968. Com esse elenco de conquistas, o Botafogo tornou-se um clube respeitado em boa parte do mundo.

Voltando à visita a General Severiano, lá estava o pré-adolescente alegre e apaixonado pelo Botafogo, circulando pelos jardins e calçadas que levavam à entrada do campo de futebol, admirando os atletas alvinegros. Quando Mané viu aquele garoto olhando tudo com imensa admiração, aproximou-se sorrindo e passou a mão esquerda na minha cabeça.





O garoto olhou espantado e ainda mais admirado. O gesto de Mané tomaria conta daquele pequenino coração. E o garoto passaria cinco dias sem lavar a cabeça, para que aquele carinho não se desfizesse, escorrendo pelos ralos do banheiro da casa, em um apartamento conjugado, alugado na rua Riachuelo, 147, no Centro do Rio de Janeiro, próximo à antiga sede do ***Diário de Notícias***. No prédio em frente, 136 – Edifício Areosa – morava o então chefe da torcida do Botafogo, conhecido pelo apelido de Tarzan, pois era do tipo fortão.

Durante alguns anos tive o prazer de ver de perto tantos e muitos craques do Botafogo, mas ver Garrincha era muito especial, pois era o principal craque do Botafogo e o mais incensado pela imprensa. Na época essa imprensa esportiva era, sobretudo, a radiofônica e a de papel, onde despontavam a ***Rádio Nacional, Mauá e Tupi***, e o ***Jornal dos Sports e O Globo***.

Nessa época a piscina da sede do Botafogo era no antigo Mourisco, na entrada do Túnel do Pasmado, onde ficavam a quadra de vôlei, basquete e, ao fundo, encostado ao viaduto sobre o túnel, o bar. Eu frequentava muito essa sede. Ali, aprendi a nadar com o professor Belmiro e uma turma grande de crianças e jovens alvinegros. Certa vez, em plena aula, Garrincha apareceu lá, numa visita do pessoal do futebol aos atletas e às atletas. Quando nós alunos o vimos, acabou-se a aula. A maioria quis cumprimentá-lo, abraça-lo, pedir autógrafo. Não existiam, então, os telefones celulares, com seus dispositivos fotográficos.

A criança cresceu, estudou, formou-se em Jornalismo e hoje, professor aposentado da UFRJ, escreve memórias como esta, sobre Mané Garrincha, alegria do povo e desta criança.



Eu vi Garrincha

Octávio Costa | Jornalista e presidente da ABI

José Trajano ficou bastante irritado com a seleção dos sonhos da revista France Football, que deixou Mané Garrincha relegado ao time reserva. Para Trajano, isso só pode ter sido coisa de gente mais jovem, gente que começou a acompanhar o futebol depois dos anos 80. Eles também não deram o devido peso a Nilton Santos, Puskas e Di Stéfano.

Eu felizmente vi Garrincha. Era garoto quando meu irmão me levou ao Maracanã pela primeira vez para ver um Botafogo inesquecível. Além de Mané, lá estavam Nilton Santos, Didi, Zagalo e Quarentinha. Um movimento na arquibancada me chamou a atenção. Parte da torcida caminhou durante o intervalo e se dirigiu à outra ponta do campo. Quase se misturava aos adversários. Meu irmão me explicou que eram admiradores do Garrincha. Iam ao Maracanã para acompanhar as diabruras do homem das pernas tortas.

Eu vi Garrincha. E sei que o Brasil ficou arrasado quando Pelé se machucou no jogo contra a Tchecoslováquia no início da Copa do Chile, em 1962. Parecia o adeus ao título. Mas o sonho do bicampeonato foi salvo graças ao imenso talento de Mané. Ele fez de tudo, em todas as partes do campo. Ganhou o jogo contra a Inglaterra praticamente sozinho. Fez até gol de cabeça. Na semifinal contra o Chile, teve uma atuação irretocável, com dois gols decisivos. Se Diego Maradona deu à Argentina a Copa de 1986, devemos a Garrincha a Copa do Chile, em 1962.

Meses depois de brilhar no Chile, Garrincha deu o bicampeonato carioca ao Botafogo, com uma atuação antológica contra o Flamengo. Eu tinha 12 anos e estava lá espremido na arquibancada de um Maracanã lotado por 158 mil pessoas.





Sábado 15 de dezembro. Marcado pelo experiente Jordan e pelo jovem Gerson, que foi escalado na ponta esquerda por Flávio Costa, Garrincha maravilhou até mesmo a torcida rubro-negra. Deu um show de bola, com seus geniais dribles sempre para a direita, no limite do campo. Fez dois gols na histórica vitória do Botafogo por 3x0. Vejam no YouTube. Como dizia Nilton Santos, naqueles dias a presença de Mané em campo era bicho garantido.

Quando o Botafogo foi rebaixado em 2002, expliquei à minha filha Anna que eu estava muito triste, mas preferia pensar nas alegrias que tive com Garrincha. É o que vou fazer novamente diante desse Botafogo ridículo que caminha de forma inapelável para a Série B.

Deixa pra lá o passe bisonho que deu de graça o segundo gol do Internacional. Esse time que está aí não tem nada a ver com nossa história.

Eu felizmente vi Garrincha!

Texto publicado no Jornal do Brasil em dezembro de 2017



Memórias do esquecimento

Paulo Cesar Vasconcelos | Jornalista

Temos o péssimo hábito de escrever a história ao nosso prazer. Muitas vezes os fatos não importam. Se os fatos envolvem a grandeza de um brasileiro, aí é que não os respeitamos. Vejam o caso de Mané Garrincha. Há décadas, precisamente desde o século passado, confeccionam listas dos maiores jogadores do mundo. E o ignoram solenemente. Para muitos brasileiros, o Mané simplesmente não existiu. Como assim?

Quando exaltam Diego Maradona, e o fazem com razão, citam o que fez na Copa de 86 no México. Do gol de mão a arrancada que deixou ingleses tombados no campo e as arquibancadas boquiabertas. Gênio é o mínimo que dizem de Maradona e para justificar – o que não é exagero – citam as atuações na Copa do Mundo de 1986, conquistada pela Argentina.

Mas o que serve para Maradona não serve para o Garrincha. E aí temos uma ressonância de como somos e como nos olhamos. Garrincha, cujo apelido só fotografa a sua relevância, ALEGRIA DO POVO, foi o condutor da Seleção Brasileira na Copa de 62, no Chile, principalmente após a precoce saída de Pelé. Não se abalou e sem dizer palavra vestiu a camisa verde e amarela da responsabilidade. Fez o que Nilton Santos, Didi e Zagallo, companheiros de Botafogo, já sabiam com requintes que só os talentosos são capazes.

Aí entra o nosso “vira-latismo” combinado com a arrogância de quem não viu e acha que o futebol só começou a partir da sua observação. Elegem jogadores daqui, poucos, e de fora, muitos, como se isso fosse uma prova de isenção. Não é!!! Sabujice rótulo preto, em barril de carvalho, assim podemos chamar.





Garrincha, a Alegria do Povo, foi um gênio e a afirmação não é por excesso de patriotismo ou ataque de Policarpo Quaresma, o nacionalista personagem criado por Lima Barreto. Não apenas o que fez naquela Copa, mas também que já fizera na anterior justificam sua escalação em TODAS as listas de melhores jogadores de todos os tempos.

Somos um povo com baixa estima, frágil ao que vem de fora, e com pudores para reconhecer o nosso valor e os nossos valores. O futebol brasileiro tem uma dívida impagável com Garrincha e Pelé. Com a camisa do Botafogo um e com a camisa do Santos o outro, eles mostraram ao mundo quem éramos nós e que valia a pena nos apreciar e seguir jogando futebol.

Sou um defensor incansável de Garrincha e o que ele representou. Pouco me importam os números para falar de um Gênio que com suas imarcáveis pernas tortas fez um país sorrir e um mundo se deliciar. Isso não tem preço. Viva o Mané!!!!



A palavra, o gesto e o grego

Roberto Falcão | Jornalista e professor da Facha

Éramos quatro repórteres conduzidos pelas ruas da olímpica Atenas de 2004 naquele táxi cujo motorista literalmente falava grego. Somente grego. Coube a mim, sentado na frente, estabelecer conversa com ele, que se mostrou muito falador desde que entramos no carro. Como estávamos em plenos Jogos Olímpicos e portávamos credenciais de imprensa, não foi difícil adivinhar que éramos repórteres esportivos.

O motorista desatou a falar e recitava com seu acento pátrio vários nomes de ex-jogadores brasileiros, ou melhor, eu deduzia que eram nomes. Até que surgiu um pronunciado quase à perfeição: "Garrincha". Finalmente eu tinha a deixa para minha fala, e retruquei com um "Pelé", certo de ser compreendido e estabelecer diálogo.

Mas eis que se revoltou nosso motorista, como percebi pela mudança súbita de entonação e pela cabeça sinalizando uma vibrante negativa. "No, no, Pelé no!", soltou, arriscando uma palavra em inglês. E reafirmou: "Garrincha! Garrincha!". Como ele percebeu que eu estava confuso, pois na Grécia o movimento de negativa com a cabeça é balançando para cima e para baixo, como fazemos aqui afirmativamente, ainda repetiu: "Pelé, no. Garrincha!"

E sobre Garrincha foi falando até chegar ao Parque Olímpico. Ou pelo menos eu achava que assim era, pois identificava a palavra Garrincha diversas vezes. O que ele me contou até hoje eu não sei, mas estou certo de uma coisa: eram excelentes histórias daquele que foi um gênio do futebol. Para brasileiros, gregos e troianos. Para todo mundo.



1962: o ano que só terminou em 1973

Roberto Petti | Jornalista e produtor de cinema

Sábado, 15 de dezembro de 1962. Apesar da proximidade do verão, a temperatura estava amena, céu parcialmente nublado, tarde da grande final do Campeonato Carioca, Flamengo x Botafogo, vantagem do empate para os rubro-negros.

Eu tinha seis anos e a estrela solitária já brilhava em mim. Por causa da idade, não fui ao jogo, mas papai, botafoguense, e dois cunhados flamenguistas – meus tios – estavam entre os 158 mil torcedores presentes ao Maracanã. Escutei a partida em um radinho de pilha, ouvindo elogios a Garrincha, que jogada após jogada destruía a defesa do Flamengo, deixando atônitos os zagueiros.

Mamãe, minha irmã e eu saímos de casa durante o jogo. Eu continuava agarrado ao radinho, imaginando cada drible de Garrincha, achando que sabia tudo da partida, até um porteiro me perguntar: “Quanto está o jogo?” Desmoronei porque, do alto da sapiência de seis anos, não soube responder...

De bonde, fomos para a casa de meus avós maternos, no Andaraí, esperar por quem tinha ido ao jogo. Papai chegou eufórico com a vitória de 3 x 0 sobre o rival e o bicampeonato, e não parava de falar na atuação de gala de Garrincha, autor do primeiro e terceiro gols do Botafogo e do passe – naquela época, ninguém chamava passe de assistência – para o gol contra de Vanderlei, zagueiro do Flamengo.

Em 1962, Garrincha deu o bicampeonato mundial aos brasileiros e o bicampeonato carioca aos botafoguenses. Foi quando registrei em meu imaginário infantil o nome Garrincha e o associei para sempre ao Botafogo.

Passados 11 anos, na noite 19 de dezembro 1973, eu estava entre os 132 mil torcedores que lotaram o





Maracanã no Jogo da Gratidão, partida entre os tricampeões de 1970, Garrincha reforçando o time, e um combinado de jogadores estrangeiros atuando no Brasil. Além de homenagear o Gênio das Pernas Tortas, a ideia era arrecadar dinheiro para ajudar o enrolado Mané.

Duas preliminares depois – a primeira de artistas e a segunda de veteranos –, o eterno camisa 7 entrou em campo, ovacionado pela multidão. Ninguém do combinado de estrangeiros se preocupava em marcá-lo, felizes por terem a oportunidade de serem **Joões**, assim Mané chamava os adversários.

A exceção talvez fosse o argentino Andrada, goleiro do Vasco e do combinado, já marcado por ter levado o milésimo gol de Pelé e que não queria também ser lembrado por tomar um gol de Garrincha no Jogo da Gratidão. Quem pouco se importava em ser João era o uruguaio Bruñel, zagueiro do Fluminense, escalado na lateral esquerda, que deu espaço e tempo para Garrincha bailar e executar suas clássicas danças. Quando Bruñel levou uma bola entre as pernas, o Maracanã veio abaixo. Aos 30 minutos do primeiro tempo, o árbitro Armando Marques interrompeu a partida. Começaram as homenagens. O craque deu a volta olímpica, jogou o uniforme para os torcedores da Geral e desapareceu no túnel de acesso aos vestiários.

A emoção se refletia nos olhos de todos os brasileiros presentes ao Maracanã.



A eterna e gloriosa alegria

Roberto Sobral Pinto Ribeiro | Economista e Analista de mercado

Quem pensa que Garrincha não faria suas proezas nos dias de hoje não percebe que jogar futebol é um dom. Também ignora que correria não significa rapidez e força física não iguala o comum ao gênio.

Garrincha jogava futebol como Mozart compunha, Picasso pintava ou Machado de Assis escrevia. Pura inspiração. E tinha prazer em jogar porque sabia que a bola gosta de brincar com quem sabe conduzi-la e essa parceria é divertida. Daí nasceu a alegria do povo.

Tudo em Garrincha é grande, desde o nome do local onde nasceu, no município fluminense de Magé. Ele reuniu todos os requisitos fundamentais da excelência do futebol: passe, controle da bola e da mente, drible, chute, visão do campo, do jogo e do adversário.

Sendo ponta-direita, fez gols em todas as posições do ataque, com o pé direito, o esquerdo, de cabeça, batendo falta, cobrando pênalti. Além disso, pavimentou carreiras de vários atacantes que colocava na cara do gol.

O tempo e o templo maior – Maracanã – onde Garrincha desfilou seu esplendor estão para a história do futebol mundial como o Coliseu e Roma, a Acrópole e Grécia na história da civilização.

Essa unanimidade da glória alcançada é eterna e deve ser reverenciada. Daqui a 2 mil anos, assim como os Césares de Roma e os filósofos gregos serão referenciados, ainda que o futebol não mais seja praticado, Garrincha e Pelé serão lembrados e louvados.

Mané é parte predominante na ascensão do Botafogo até os degraus máximos da glória do futebol mundial, num plano em que não é possível ir além. Mas nele a dimensão dessa grandeza ultrapassa a





genialidade da prática para se fixar em episódios que elevam para sempre o espírito do futebol.

Garrincha introduziu o olé no futebol. Num jogo contra o River Plate, no México, no dia cinco de fevereiro de 1958, prendeu a bola no fim do jogo e a torcida gritou OLÉ!, OLÉ!

“ *Garrincha é o
Ghandi do futebol*

NELSON RODRIGUES

Foi o primeiro jogador a mostrar fair play no futebol. Em partida contra o Fluminense, no Maracanã, pelo Torneio Rio-São Paulo, em 27 de março de 1960, colocou a bola fora de jogo para que Jair Marinho, o adversário machucado, fosse socorrido. Por isso, Nelson Rodrigues escreveu: Garrincha é o Ghandi do futebol.

Se o Botafogo já era “O Glorioso” antes de Garrincha, com ele alcançou o plano do absoluto, o Olimpo. Se um dia alguém selecionar as sete maravilhas do futebol mundial de todos os tempos, sete será o número que representará o drible, o camisa sete do Botafogo. Sete, símbolo bíblico da perfeição, o dia do descanso da Criação; o dia da Alegria.



Um gênio que brincava de jogar futebol

Romildo Guerrante | Jornalista

Vi Garrincha jogar pela primeira vez quando havia acabado de me encantar com o fulminante Babá, um milagre de pouco mais de um metro e meio que estreava na ponta-esquerda do Flamengo, em meados dos anos 50. O time carioca havia levado a São Fidélis, no Norte fluminense, onde eu menino vivia na época, uma equipe mista em excursão caça-níqueis para derrotar sei lá por quantos gols um combinado local.

Pois não é que algum tempo depois, e não me perguntem quanto, fui a Campos, a 50 km, numa excursão mambembe, na carroceria de um caminhão com um monte de amigos, e vi Garrincha jogar bola, como nunca jamais vira, enfrentando o Americano, campeão local, no então ainda novinho Estádio Godofredo Cruz.

Vi pouco. Acho que ele jogou menos de meio tempo, mas vi o suficiente para quase esquecer Babá. Até porque eu já era botafoguense desde o campeonato de 1948, estimulado por meu padrinho, um português produtor de café, no noroeste do Estado do Rio, que gostava de me exibir para os amigos pedindo que eu dissesse a eles que torcia pelo Botafogo. E que sabia tudo sobre o Biriba, o mascote que foi a Campos, mas que infelizmente não vi ao natural nem fantasiado com a camisa do clube.

Garrincha já era uma lenda no Botafogo e nos ajudou, com seus dribles de deixar sentados os defensores adversários, a ganhar nos anos que se seguiram muitos jogos, campeonatos e as copas de 58 e 62. Ainda não era campeão do mundo, mas já vivia suas dificuldades pessoais, bebendo muito, faltando ao trabalho, arranjando “romances” clandestinos. Antes de ir para o Rio jogou algum tempo em Petrópolis em dois times locais. Lá aconteceu





uma mudança importante: deixou de jogar no meio, armando o time, e foi pra ponta direita, onde brilhou daí pra frente a partir da contratação pelo Botafogo.

Mas o Rio de Janeiro, sonho dourado de todo jogador naquela época, talvez não tenha feito muito bem pra ele. Não pela cidade gostosa que todos sabemos como é, mas porque teve muita dificuldade de se adaptar fora da vida a que estava acostumado, que corria lerda, à vontade. Era da Baixada Fluminense, da vila de Pau Grande, no município de Magé, 3 mil habitantes. Trabalhava na América Fabril, empregadora de quase um terço da população local. E era o melhor jogador do time da fábrica.

Tinha privilégios, caçava passarinho, tomava banho de rio, bebia cachaça com os amigos. Os patrões eram tolerantes com suas faltas nem sempre justificadas. Eu nada sabia dele até então. Só quando veio pro Rio jogar no clube da estrela solitária e fazer uma enfiada de gols nos sucessivos campeonatos.

Na cidade não caçava passarinhos, mas manteve as doses da malvada cana, exagerava nas noitadas e engatou uma sequência de casos amorosos que iriam dar-lhe uma multidão de filhos, dizem que 12. Inclusive um filho sueco com uma camareira que conheceu numa excursão do Botafogo pela Suécia no ano seguinte à vitória do Brasil na Copa de 1958 naquele país.

Enquanto espalhava conquistas no campo, as pernas cambotas, que com tanta genialidade jogavam os adversários ao chão, deterioravam-se com o rigor das campanhas e viagens. A perna mais curta vinda do berço ajeitava-se como podia no equilíbrio do corpo, mas a artrose avançava, ameaçando a qualidade do bom futebol que jogava, ampliando o desconforto da vida. E a bebida fazia seu trabalho. Dirigindo embriagado, envolveu-se em pelo menos três acidentes graves. Num deles matou sua sogra, mãe da cantora Elza Soares, cujo discreto ativismo político durante a ditadura lhe trouxe também algumas dificuldades.



Mas não gostei nada de vê-lo aposentado, alguns anos depois. O grande espetáculo do futebol encerrou-se com uma turnê por muitos clubes, findando no Olaria. Jogando mal, semiesquecido, não foi agradável para mim vê-lo da pista num carro alegórico de destaque na Mangueira, em 1980, vestido com a camisa do Brasil, mas com os olhos mortiços, encarando o chão, quase sem forças para acenar à multidão que o aplaudia. Multidão que, silenciosamente, sofria. Já não brincava mais de jogar futebol como tanto gostava. Três anos depois estava morto.

Passaram-se 10 anos. Num domingo bonito de sol, janeiro de 1990, sozinhos na editoria política do ***Jornal do Brasil***, conversávamos eu e o também redator Marcos de Castro, de saudosa memória. Cansado, arfando, respirando com muita dificuldade chega de Barra de Maricá o colega João Saldanha, primeiro técnico de Garrincha no Botafogo, também para cumprir o plantão do Esporte. Amigo e admirador do “De Castro”, como era conhecido, Saldanha engatou na conversa, sentando-se sobre uma das mesas de redatores vagas pelo expediente chocho do domingo. Ali ficou bom tempo contando histórias e mais histórias. Adorava isso. Histórias que tinham uma cota de fantasia, natural nas mentes brilhantes como a dele. Falou do episódio do goleiro Manga e também de Garrincha, que o teria deixado muito impressionado com a criatividade das jogadas daquelas pernas tortas. “Pode escrever, Garrincha será lembrado por muitos e muitos anos”.

Poucos meses depois Saldanha nos deixou. Tinha ido à Europa para cumprir compromisso de trabalho com a TV Manchete. O enfisema pulmonar de que sofria há anos o levou a um hospital de Roma. Era talvez o maior admirador de Garrincha.



Garrincha e o fotógrafo

Sérgio Moraes | Repórter fotográfico

José Antônio Castilho de Moraes (1933–1995) trabalhou como fotógrafo na lendária equipe de fotógrafos do Jornal do Brasil nos anos 1960. Além disso, era apaixonado por futebol e, claro, pelo Botafogo. Descobriu essa paixão aos 14 anos, quando foi levado por um tio tricolor — seu pai havia morrido quando ele ainda era muito novo — para ver o clássico Fluminense x Botafogo, nos anos 1940, nas Laranjeiras. Nesse dia, José Antônio descobriu Heleno de Freitas e seu amor pelo Botafogo.

O fotógrafo assistiu a gerações e mais gerações de craques vestirem preto e branco. Mas se orgulhava mesmo de ter visto e fotografado o maior de todos eles: Manuel Francisco dos Santos, ou simplesmente Garrincha. Como a imprensa da época tinha acesso irrestrito aos treinamentos, José Antônio cobriu uma quantidade enorme de treinos do Botafogo e de suas estrelas. Também eram comuns entrevistas realizadas nas casas dos jogadores depois da partida. Quase sempre a grande história dos clássicos era o Mané. Muitas vezes José Antônio estava lá, na casa do gênio das pernas tortas, para uma sessão de fotos.

Na opinião do fotógrafo alvinegro, a história inesquecível com Garrincha aconteceu em um jogo do Botafogo contra o Canto do Rio, no estádio Caio Martins, em Niterói, na noite de 23 de agosto de 1964. José Antonio chegou cedo e viu que a iluminação, que sempre foi péssima, tinha piorado ainda mais. Nesse momento, pensou que só seria possível fotografar com flash, mas os fotógrafos do Jornal do Brasil se orgulhavam de não usar flash nem em situações de pouquíssima luz.

Foi aí que, antes do início da peleja, José Antônio se aproximou do craque e explicou as condições de iluminação do estádio. Disse que teria de usar uma





velocidade muito baixa, mostrou onde ficaria posicionado e, então, fez um pedido inusitado:

— *Mané, quando você partir pra cima do lateral, dá uma paradinha pra eu poder te fotografar?*

Garrincha simplesmente sorriu. Na cabeça do fotógrafo, o craque não tinha entendido nada.

Quando Mané saiu driblando, viu José Antônio e parou por alguns segundos para, em seguida, olhar para o fotógrafo e perguntar: “Deu, Zé”?

Depois da primeira parada, Garrincha ainda parou mais cinco vezes e sempre perguntava: “Deu, Zé”?

O fotógrafo, às gargalhadas e feliz da vida, só agradecia com um aceno.

A arte do drible

Stepan Nercessian | Ator e Presidente do Retiro dos Artistas

Que coincidência! Misturar Biriba e Garrincha numa partida só é jogada de mestre. Já viu bichinho pra gostar de driblar e jogar bola mais que Garrincha? Ela! Troquei as bolas mas dá pra entender, não dá?

Volta e meia um Cãozinho invade o gramado (de onde eles saem é mistério) e interrompem as partidas driblando os 22 jogadores, árbitros e seguranças. Dribles que expõem todos ao ridículo e imediatamente conquistam a simpatia das duas torcidas.

Garrincha, com sua alma pura e alegria de anjo, erê (criança), brasileiro, fazia isso o tempo todo.

Sou Botafogo por causa dele, sou seleção brasileira por causa dele e sou adepto da humildade por causa dele. Gravando minha primeira novela, BANDEIRA 2, fui até o campo do Olaria e com paixão e teatralmente, me joguei no gramado e beijei os dois pés e os dois joelhos sagrados do Mané.

Fiz isso bem rápido, antes que ele me driblasse.

Obrigado Mané. O mundo te agradece.





Não vi, mas fui escolhido

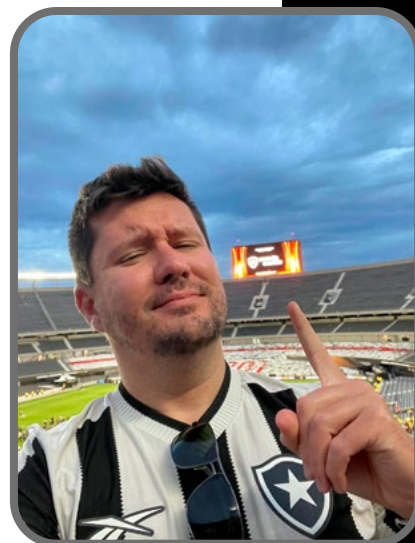
Yuri Bobeck | Jornalista e Roteirista

Ser Botafogo – assim mesmo, o nome do time como adjetivo – é algo além do racional. Ainda mais para um carioca vira-lata como Biriba, que com quatro anos se muda para o interior do Paraná e vira o único torcedor da Estrela Solitária num raio de 1.500 quilômetros.

Nasci durante o jejum, nos infames 21 anos de deserto de títulos, e me refestelei nas conquistas dos anos 1990, principalmente na de 1995, ao ter um tio insuportavelmente santista, com quem duelava verbalmente sobre Garrincha ser tão importante quanto fora Pelé, para o esporte e para a cultura do país.

A memória era alimentada pelos parcos lances absurdamente geniais exibidos esporadicamente em programas esportivos. Ver aquele sujeito trajando o mais belo dos uniformes e deixando adversários tortos, sem brio e vontade de seguir nos duelos, era algo mais do que fascinante. Era saber que o dono da camisa 7 do Botafogo representava a maior virtude do esporte mais popular do planeta: o drible. Não um drible qualquer, não um drible, mas dribles. Em sequência frenética, jamais antes vista, a ponto de o oponente pedir arrego na humilhação motora.

Nas muitas sadias, e por vezes sádicas, provocações ao tio insuportavelmente santista, o drible “garrinchiano” era meu argumento predileto para ferir o orgulho do admirador de Pelé e da seleção de 1970. Poucos sabem o que é defender o orgulho botafoguense a tantas léguas de distância de General Severiano. Na escola idem, com os amigos palmeirenses inebriados pela dourada Era Parmalat. Só que nada abalava a resistência de quem foi escolhido pelo Botafogo. E Garrincha foi, é e sempre será o “super trunfo” para todos os botafoguenses.





Não vi, mas de alguma forma transcendental é possível dizer que todo torcedor do Alvinegro, de qualquer geração, viu. E dá um orgulho danado rever tantos lances divinos e diabólicos ao mesmo tempo. Não há explicação lógica. O Botafogo é Garrincha, e Garrincha é o futebol.



Garrincha versus 'misters' e algoritmos

Valquíria Daher Barra | Jornalista

Estamos em 2026 em tempo de plataforma digital, casa de apostas e alegria monetizada, Garrincha continua com o drible mais temido do planeta. Depois de decidir duas Copas do Mundo, três Champions League e uma Libertadores, é chamado de gênio até pelos "*haters*". Ganhou três Bolas de Ouro, mas jura que não sabe direito em qual casa guardou os troféus: Dubai, Angra dos Reis ou Pau Grande.

No clube europeu, ele enfrenta uma crise. O treinador, que fala cinco idiomas mas nunca disputou uma Copa do Mundo, tenta inutilmente enquadrá-lo em modelos táticos e explicar sobre mapas de calor. Ele responde deixando marcadores perdidos, o que chama simplesmente de "passar pelo João". Os analistas o aclamam por "quebra de linhas por condução em alta intensidade".

Nas redes sociais acumula 600 milhões de seguidores. No Instagram reúne fãs, jogadores, celebridades e laterais traumatizados. De vez em quando, leva o seu "social media" à loucura por provocar os adversários ou publicar um **story** numa balada na véspera do jogo.

No TikTok, crianças e marmanjos do mundo inteiro tentam reproduzir suas fintas. A hashtag #Anjo-DasPernasTortas aparece entre os assuntos mais comentados a cada partida. Marcas disputam espaço em suas chuteiras, camisas, comemorações, viagens e posts. Porém Mané, de vez em quando, é flagrado com a cerveja concorrente ou a camisa de outro material esportivo.

Fora de campo, o relacionamento com Elza Soares ocupa diariamente as páginas de fofoca. Uma foto





sem aliança é tratada como crise, separação e reconciliação. Elza, estrela de voz poderosa e milhões de seguidores, também é sucesso no mundo todo, e não deixa barato quando o marido apronta alguma com a influenciadora da vez.

O mundo está aos pés do casal, mas nem tudo vai bem: Mané começa a sentir dores no joelho, não gosta do frio, sente saudade das gaiolas de passarinho e das peladas em Pau Grande. Elza está cansada da “ponte-aérea” Brasil-Europa e de ver o marido em festas com os parças.

Nilton Santos, que já estava de volta ao Brasil, não cansa de aconselhar: “vem ser feliz de novo no Fogo”, insiste o “Enciclopédia”.

E um dia Fabrizio Romano entrega o furo: “**Here we go! Mané volta pra casa**”. A notícia causa comoção: a imprensa europeia fala em despedida; a brasileira, em reencontro com a própria história.

Semanas depois, a hora é de voltar. Torcedores acompanham o avião em aplicativos de rastreamento de voos. No aeroporto Tom Jobim, milhares cantam como se o Botafogo já tivesse conquistado outra Liberta. A apresentação é transmitida ao vivo na TV e nas redes sociais. O estádio está lotado.

Mané entra em campo sorrindo, com sua primeira camisa alvinegra, meio apertada e de um ex-patrocinador. Nada disso importa. Quando o jovem repórter lhe pergunta na coletiva sobre metas, números e desempenho, diz que só quer jogar bola e alegrar o povo. Dá uma caneta no dono da SAF e quebra a internet. As camisas 7 se esgotam antes do primeiro drible oficial.

E o futebol moderno descobre, enfim, que nem a tecnologia nem o **marketing** conseguem explicar Garrincha, a alegria do povo.



Garrincha nas ondas sonoras e no coração

Xico Teixeira | Jornalista e Radialista

As décadas em que o rádio e a televisão ditavam o ritmo de nossas emoções guardam memórias que o tempo jamais consegue apagar. Minha relação com Manuel Francisco dos Santos, o incomparável Garrincha, começou muito antes de nossos olhares se cruzarem. Nos anos 60, eu morava em Juiz de Fora e o futebol chegava até mim pela magia do rádio. Era sintonizando as ondas sonoras que acompanhava a genialidade de Mané defendendo o Botafogo e a Seleção Brasileira. Ouvir a empolgação dos locutores narrando seus dribles desconcertantes pela ponta direita era o suficiente para desenhar na imaginação um verdadeiro artista em campo, fazendo a alegria de torcedores apaixonados.

Avançando para a década de 70, o cenário tecnológico mudou e a televisão passou a dividir espaço com o rádio na minha rotina de torcedor, embora eu continuasse fincado em Juiz de Fora. Nessa época, as histórias de Garrincha já carregavam o peso da lenda e a melancolia do declínio físico, mas a reverência pelo seu futebol continuava intacta.

Cheguei a ir ao Rio de Janeiro assistir a algumas partidas do Botafogo, embalado por essa paixão, embora os detalhes exatos de suas atuações naquelas idas tenham-se perdido na névoa das lembranças. O ápice dessa relação, no entanto, estava reservado para o final daquela década.

O destino quis que nossos caminhos finalmente se cruzassem no final dos anos 70. Garrincha passara por Minas Gerais fazendo uma temporada por clubes do interior — se não me engano, com passagens pelas cidades de Cataguases e Leopoldina, na Zona da Mata — e veio jogar um amistoso em Juiz de Fora. Naquela época, trabalhava no jornal ***Diário da Tarde***.





A oportunidade de cobrir o evento se transformou na chance da minha vida: entrevistar o próprio gênio das pernas tortas. Sentar-se diante de Mané foi uma experiência marcante; ele estava em fim de carreira e carregava as marcas perenes, porém mantinha a simplicidade e demonstrava no olhar a timidez de quem nunca entendeu o tamanho real do próprio talento.

Infelizmente, não consegui guardar esta entrevista e os arquivos do antigo jornal se perderam, mas a sensação de estar frente a frente com o maior driblador da história do futebol brasileiro permanece viva e inesquecível em meu coração.

O Sonho de Carlito Rocha

Roberto Sobral Pinto Ribeiro

Nilton Santos contava que Zizinho não jogou no Botafogo por ter sofrido ferrenha oposição de Carlito Rocha. A causa da resistência? Uma tentativa do jogador adversário de enxotar o mascote alvinegro Biriba, que invadira o gramado de General Severiano num jogo entre Botafogo e Flamengo.

Passados muitos anos, outra partida entre os mesmos times entraria para história do futebol, com Carlito como protagonista, embora o episódio, ao que parece, tenha ficado desconhecido do público, mesmo porque, se Carlito o tivesse narrado, poderia escutar que elogio em boca própria é vitupério, como dizia meu avô.



Carlito e o advogado Sobral Pinto eram amigos fraternos desde a infância compartilhada no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, dirigido pelos padres jesuítas. Mantiveram essa amizade por toda a vida. Apaixonados, um pelo Botafogo e outro pelo América, participaram ativamente da vida de seus clubes e da Federação de Futebol do Rio de Janeiro nos primeiros anos de sua existência.

Além da amizade, Sobral era o advogado de Carlito e tinha em sua rotina ir periodicamente a Brasília para defender as causas de seus constituintes nos tribunais superiores. Lá ficava hospedado numa residência bem próxima a uma Capela de Nossa Senhora de Fátima, que lhe proporcionava a chance de cumprir a rotina de missa diária pela manhã.

Carlito, também católico e devoto de Fátima, sempre que tinha conhecimento das viagens de Sobral a Brasília, comparecia antes da viagem ao escritório do amigo com um par de velas pedindo que fossem acesas na pequena igreja. Na primeira quinzena do mês de novembro de 1972, ao saber que Sobral iria a Brasília, Carlito apareceu no escritório com um pacote inteiro de velas.

— *Então Carlito? Isso é consciência pesada?, perguntou Sobral.*

— *Não, Sobral. É sério. Sonhei que no jogo Botafogo e Flamengo da semana que vem vamos ganhar de 6x0.*

Não deu outra, bem no dia do aniversário do clube da Gávea. Nunca é demais lembrar que nasceu o Botafogo de Futebol e Regatas no dia dedicado à Imaculada Conceição, 8 de dezembro, ou seja, sob a bênção de Nossa Senhora. Nesse dia deu-se a fusão entre o clube de futebol e o de regatas.

Ouvi essa história de meu próprio avô, que não teria motivo algum para inventá-la, mesmo porque não admitia qualquer tipo de brincadeira com a religião. Além disso, torcia pelo América.



Sobral Pinto: um chute de paletó e gravata



O sertanejo é antes de tudo um forte ... torcedor do Botafogo

Fábio Lau

Ele nasceu em Jirau, cidadezinha que tem como referência o município de Arcoverde, no agreste pernambucano. As duas estão a 400 quilômetros do Recife. E foi lá em Jirau que brotou o amor do comerciante Zé Pereira pelo Botafogo. E também pelo Garrincha.

José Pereira da Silva nasceu em 1945, filho do pai do mesmo nome e de dona Maria Soledade. Aos 14 anos, foi levado a Recife pelo pai, que era lojista, para assistir ao amistoso entre Sport X Botafogo. O pai, torcedor do Santa Cruz, não perderia a oportunidade de ver um time com tantos craques, campeões da Copa do Mundo da Suécia um ano antes, esmagar o arquirrival em plena Ilha do Retiro.

Para aquele menino, que conheceu o Botafogo pelas ondas do rádio, não passava de pura euforia. O placar do jogo diz tudo: Sport 0 X 6 Botafogo. Os gols foram marcados por Quarentinha (2), Rossi (2), Paulinho Valentim e Garrincha .

Zé Pereira revela que um lance nunca saiu de sua memória:

Garrincha enfileirou a defesa do Sport, foi driblando e deixando um a um para trás. Mas quando chegou na cara do gol e achávamos que chutaria, ele retornou e começou a driblar de volta ao próprio campo. E foi uma sequência de dribles. Até a torcida do Sport aplaudiu — lembrou.

Ao se transferir para o Rio de Janeiro, no início da década de 60, José foi morar em Madureira. Trouxe consigo uma dor crônica no joelho, produto das peladas nas ruas de Jirau. Bom jogador, a ponto de atuar no time de pelada do volante Carlos Roberto, bicampeão carioca (67/68) e campeão brasileiro pelo Botafogo em 68, José conta que foi orientado





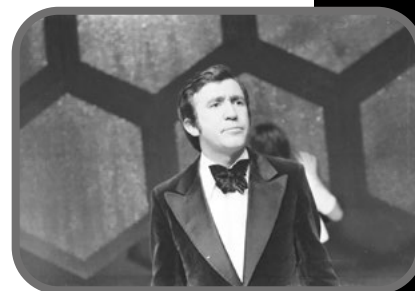
a reduzir sua idade em três anos para dar tempo de sarar. Mas não aconteceu.

Ele chegou a ter o sobrenome alterado, mas nada que prejudicasse a relação de amor e respeito pelos pais. O futebol não deu certo, o joelho jamais sarou, mas hoje o menino de Jirau é dono do Bar do Zé Pereira, em São Cristóvão, repleto de escudos, fotos e faixas do time do coração. Ninguém mais apropriado para se tornar o anfitrião da Festa do Biriba.



Videoteipe do sonho

Além de paixão, Mané Garrincha inspirava poesia. Em 1970, o compositor Alberto Luiz mostrou a música **Balada nº 7** ao cantor Moacyr Franco. A letra original pretendia saudar o atacante Ypojucan, ex-jogador da Portuguesa de Desportos e do Vasco da Gama. Moacyr sugeriu mudanças na letra e disse que seria melhor homenagear o craque Mané.



No ano seguinte **Balada nº 7** alcançou as paradas de sucesso no rádio. A paixão pelo futebol fez o radialista Haroldo Eiras se encantar tanto pela canção que ele mesmo se dispôs a convencer os colegas de outras emissoras a incluir a música na programação. O disco vendeu 350 mil cópias e Garrincha matou no peito mais este sucesso.

*Sua ilusão entra em campo no estádio
vazio Uma torcida de sonhos aplaude talvez
O velho atleta recorda as jogadas felizes Mata
a saudade no peito driblando a emoção*

*Hoje outros craques repetem as suas
jogadas Ainda na rede balança seu último
gol Mas pela vida impedido parou
E para sempre o jogo acabou
Suas pernas cansadas correram pro nada
E o time do tempo ganhou*

*Cadê você, cadê você, você passou
O que era doce, o que não era se acabou
Cadê você, cadê você, você passou
No vídeo tape do sonho, a história gravou*

*Ergue os seus braços e corre outra vez no
gramado
Vai tabelando o seu sonho e lembrando o
passado
No campeonato da recordação faz distintivo do
seu coração
Que as jornadas da vida, são bolas de sonho
Que o craque do tempo chutou*

*Cadê você, cadê você, você passou
O que era doce, o que não era se acabou*





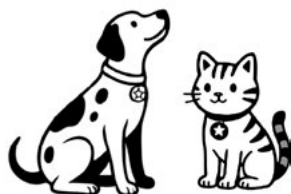
“Garrincha driblou todos os marcadores que enfrentou nos gramados. Só não conseguiu driblar as incertezas que a vida nos prega.”

João Batista de Abreu



E você, botafoguense, tem alguma história sobre Garrincha ou Biriba que deseje colocar no papel? Aproveite as linhas a seguir e conte a sua!

[illegible]



Preparamos uma pequena lista de protetores de animais. Doe quando e quanto puder. Desde já, agradecemos sua boa ação.

@rabinho_mais_feliz

Eu amo ajudar os animais!

Adoção e apadrinhamento de animais

Banco: Nubank

PIX: 21986818680

Responsável: Marluce Fragoso



@caes_gatos_cia_lumiar

Grupo de ajuda animal

de Lumiar - NF

PIX: 22999216863

Responsável: Eliana Jussara de Andrade



@fazendamodelovoluntarios

Abrigo para animais

ONG de voluntários do Abrigo Municipal

Adoção ▪ Voluntariado ▪ Bem estar animal

PIX: pix@fazendamodelorj.com.br



@gatosdefrancisca

Um grupo de apoio a gatos abandonados.

Buscamos tratar, castrar e conseguir adoções para os gatinhos

PIX: 095.402.357-90

